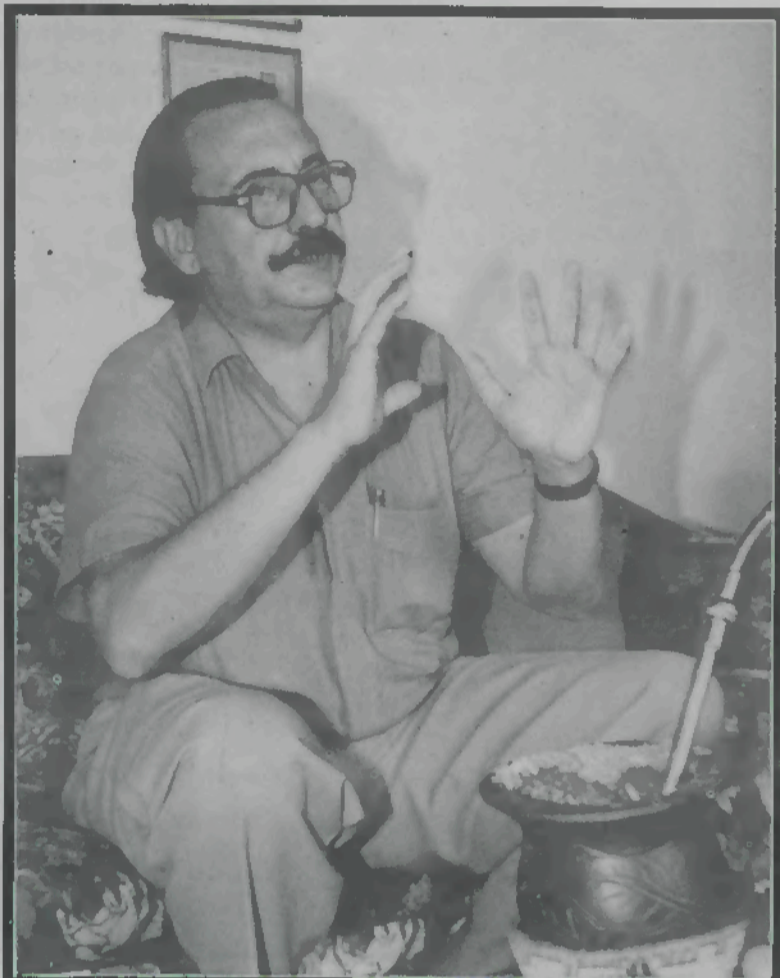




Dupl

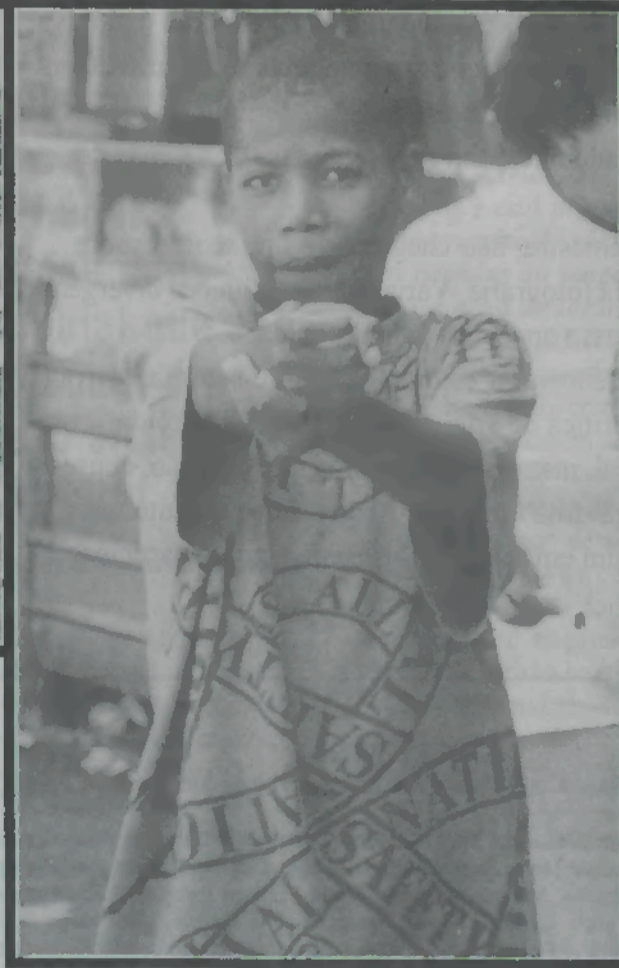
três x quatro

JORNAL
LABORATÓRIO
FABICO/UFRGS
JULHO
1995



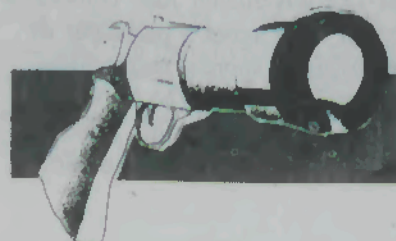
A reforma das urnas

Porto Alegre bilíngüe



Quem cuida dos menores de rua?

Junta Comercial pede socorro

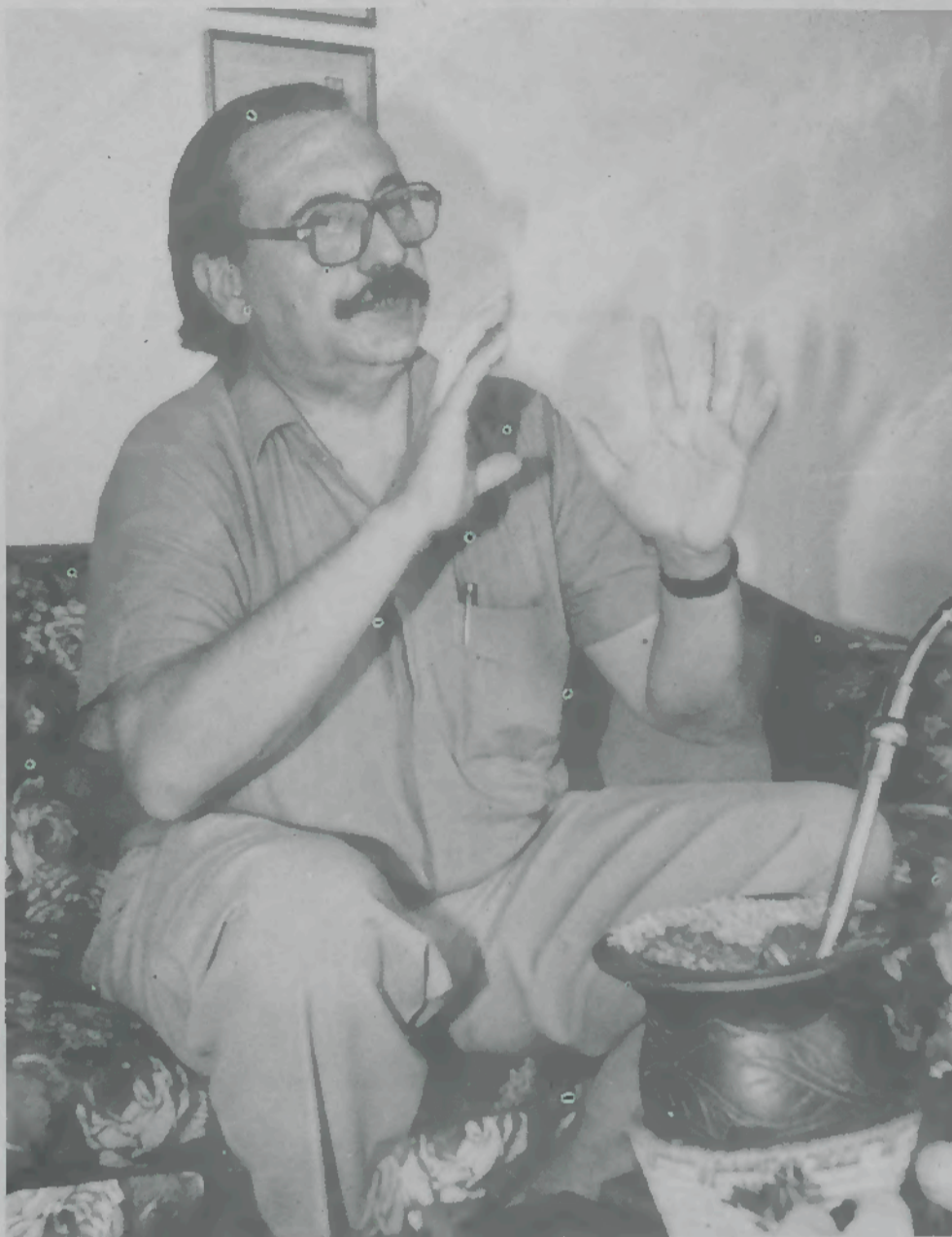


JORNALISMO ESCRITO COM SANGUE & OUTROS

idéias
CADERNO ESPECIAL

ENTREVISTA

João Gilberto Lucas Coelho



A reforma do voto

“Se nós fizéssemos um plebiscito acho que a população aprovaria o voto distrital”

por Demétrio Rosa

Faltando pouco mais de 17 meses para as eleições municipais de 1996, juristas, cientistas políticos, juizes e parlamentares se dedicam à tarefa de reformar a lei eleitoral e a legislação partidária. De acordo com a Constituição, as modificações deverão estar aprovadas e promulgadas até o dia dois de outubro, um ano antes do pleito. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), juntamente com o Ministério da Justiça, constituiu um grupo de trabalho com o objetivo de elaborar propostas à reforma. Paralelamente a isso, a Câmara Federal instalou uma comissão especial para tratar do assunto.

A última grande reforma eleitoral brasi-

leira ocorreu em 1985, há exatos dez anos. Uma comissão suprapartidária formada no Congresso permitiu a legalização dos partidos comunistas, instituiu as eleições diretas para presidente, estendeu o voto aos analfabetos e acabou com a nomeação de prefeitos para capitais de Estado e cidades consideradas áreas de segurança.

Relator do grupo naquela oportunidade, quando cumpria o mandato de deputado federal, o ex-vice governador João Gilberto Lucas Coelho volta agora a participar de uma ampla discussão sobre as regras do sistema democrático. Integrado ao esforço do TSE, ele falou ao 3 x 4 um dia antes de viajar a Brasília para a primeira reunião.



CARTA AO LEITOR

O 3x4 surgiu, como diz o nome, para ser um retrato da faculdade. Em 1972, os alunos da Comunicação sentiam falta de um jornal-laboratório, que divulgasse notícias, matérias sobre o futuro profissional e trabalhos desenvolvidos nos cursos. Na época, futuros jornalistas, publicitários e relações públicas trabalhavam em conjunto: a redação das matérias cabia ao jornalismo, enquanto os PPs e os RPs cuidavam dos anúncios. Em 92, já restrita ao curso de jornalismo, a edição comemorativa criticava a falta de uma linha editorial definitiva.

Hoje não é diferente. A cada semestre uma nova turma discute as pautas, altera a diagramação e promete fazer do seu número um grande jornal. O resultado não é um retrato da faculdade, mas do grupo que o produz.

Nós, alunos do 7º semestre, não chegamos a um acordo sobre qual o melhor ângulo da fotografia. Várias idéias, opiniões divergentes, muita discussão: nossa opção foi pela pluralidade.

Por isso, o leitor vai encontrar esporte de fim-de-semana, privatização do Meridional, crítica de arte, alimentação no centro da cidade, reforma eleitoral, materiais radioativos, prostituição, conselhos tutelares, ônibus noturno em Porto Alegre, fotos e muito mais. Fragmentos de um álbum em que o leitor é convidado a participar. Olha o passarinho!

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório dos alunos do sétimo semestre do Curso de Jornalismo da FABICO/UFRGS.

Redação e Reportagem: Alexandre Elmi, Cristiane Ostermann, Demétrio Rosa, Eduardo Sozo, Greetchen Ihitz, Itamar Melo, Jaqueline Smidt, Laura Canepa, Luciano Bauermann, Luis Bissigo, Luiz Alcides Martins, Marcelo Gonzatto, Maria Pia Sica Palermo, Paula Ramos, Rivaldavia Severo Filho, Sergio Gobetti, Sílvia Lovato, Ticiano Osório, Vitor Hugo Dalla Rosa. **Ilustrações:** Jorge Penny. **Foto:** Flávia de Quadros, Marcelo Lemos, Sílvia Lovato.

Projeto Gráfico: Marcelo Lemos. **Diagramação:** Flávia de Quadros, Marcelo Lemos. **Pós-Produção:** Flávia de Quadros, Luciano Lanes, Marcelo Lemos. **Professores Responsáveis:** Geraldo Canali, Rubens Weyne. **Chefe do Departamento de Comunicação:** Prof. Ricardo Schneiders da Silva. **Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação:** Profa. Ana Maria Dalla Zen. **Reitor da UFRGS:** Prof. Hélgio Trindade.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - CEP 90035-007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Composição e Diagramação:** Núcleo de Editoração Eletrônica - Fablico.

3 x 4 - O Brasil é tido como um país onde o que conta na política são as pessoas e não os partidos. Pode-se dizer que as leis eleitoral e partidária são responsáveis por isso?

JOÃO GILBERTO - Eu diria que pelo contrário. O nosso sistema eleitoral é muito interessante. Existem no mundo duas formas principais de eleger o corpo legislativo, que tem que ser a representação de toda a sociedade. Uma é o sistema majoritário, em que se divide um país em distritos eleitorais e cada deputado representa um distrito. O outro é o sistema proporcional. Nós adotamos um sistema proporcional modificado. O sistema proporcional pode ser comparado a um mapa. O que é um mapa? É a representação, numa superfície pequena, de uma realidade muito maior. O sistema proporcional pretende ser isso: uma população de 90 milhões de eleitores representada por quinhentos e poucos parlamentares. O que se fez no Brasil: acharam que além de escolher uma corrente de opinião, o eleitor deveria escolher dentro dessa corrente, um indivíduo. Tentaram aprimorar o sistema proporcional, porque normalmente o sistema proporcional é um sistema de lista fechada, ou classicamente deveria ser. O que se disse aqui no Brasil: quem tem que organizar essa lista de preferência do partido é o eleitor e não o próprio partido. Então o partido chega e apresenta ao eleitor dez candidatos a deputado. Agora, quem é o primeiro, o segundo, o terceiro da lista? Depende dos votos que cada um tiver. Quer dizer, se o partido eleger só dois, não serão os dois que o partido pré-determinou ao eleitor, mas os dois que os próprios eleitores vão reorganizar. Do ponto de vista teórico, isso é muito avançado e muito interessante. Do ponto de vista prático, não está funcionando, porque o eleitor chega ao voto pela pessoa e não pelo partido. O brasileiro não está entendendo nem votando de acordo com o sistema.

3 x 4 - O sistema proporcional não pressupõe um quadro menor de partidos, com linhas ideológicas melhor definidas? Só na Câmara Federal há hoje 18 partidos representados.

JOÃO GILBERTO - Este é um problema gravíssimo da realidade brasileira. Todos os liberais estão no mesmo partido no Brasil? Não, estão em três ou quatro partidos. Todos os social-democratas estão no mesmo partido? Não, estão em três, quatro, cinco. Aí nós vamos tocar no outro grande eixo da discussão. O problema de partido é o movimento social. Se a lei impedisse a criação de partidos era a mesma coisa que impedir a criação de associação de bairro ou de diretório acadêmico. É uma livre associação de pessoas. Os cidadãos podem se livre associar para criar uma sociedade esportiva, uma entidade de representação estudantil, ou uma entidade de representação de seus interesses políticos. A livre-associação tem que ser preservada, é a base da democracia. Eu, por exemplo, sou contra que se proíba a criação de partidos ou que se tente, como os militares fizeram, fixar por lei o número de partidos. O que eu acho é que deveria haver algumas exigências para um partido apresentar candidato. Pode criar partido à vontade. Isso a sociedade tem que permitir. Agora, para participar de um sistema eleitoral, teriam

que provar uma certa base social. Não dá para caracterizar em lei que é permitido um partido pequeno desde que ideológico. O que é partido ideológico perante a lei? Você não tem como, na lei, achar uma diferença que possa ser legal, jurídica, entre o que é um partido que realmente representa a vontade ideológica da população e o que é um partido que surge para ser legenda de aluguel nas eleições.

3 x 4 - O voto distrital será uma das principais discussões da reforma eleitoral. O presidente do TSE, Carlos Velloso, já se mostrou favorável à mudança. Quais as chances de sua implementação no Brasil?

JOÃO GILBERTO - Isso é um anseio e eu até me permito dizer que se nós fizéssemos um plebiscito acho que a população aprovaria o voto distrital. Até porque ela não entende o sistema que tem. O que vamos fazer? É um problema sociológico grave. Agora, a forma de compatibilizar isso: eu tenho um certo apreço por uma coisa parecida com o sistema alemão, que é proporcional no seu resultado final, ou seja, garante uma proporcionalidade das bancadas. E lá a proporcionalidade é nacional, não tem aqueles cálculos por estado que nós fazemos aqui. Portanto, se o partido X obtém 20% dos votos, ele vai obter 20% das cadeiras no país inteiro. Só que, metade da bancada é eleita em distritos e é descontada da quota do partido na proporcionalidade.

3 x 4 - Como funciona o processo de votação?

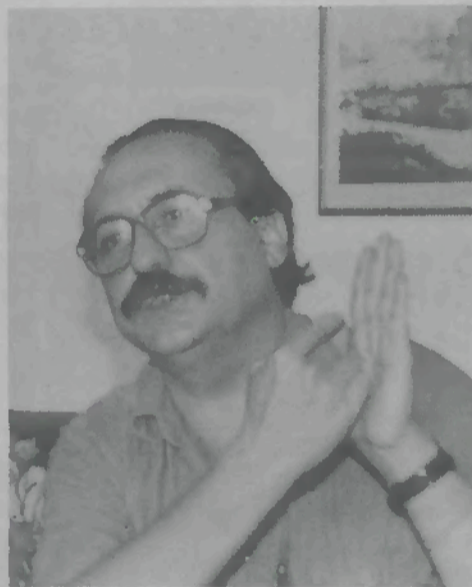
JOÃO GILBERTO - Dá-se dois votos lá: um para o partido, que não precisa ser o mesmo do candidato. Este é o voto que vai calcular quantos deputados este partido vai ter. E o outro no representante do distrito em si. Pode haver inclusive incoerência entre os votos. O meu partido não tem candidato no meu distrito, mas eu nacionalmente sou daquele partido e quero que ele tenha representação parlamentar. Então voto no partido e, no distrito, voto nas conveniências regionais. Só que aquele deputado que eu elegi no distrito será subtraído da bancada que o partido dele tem direito a eleger.

3 x 4 - O que precisa ser mudado na lei eleitoral?

JOÃO GILBERTO - Em primeiro lugar tem que se saber onde se quer chegar. A coisa mais fundamental que vai se discutir é o próprio sistema eleitoral. É preciso também modernizar o Código. Há a questão do sistema partidário, que certamente vai dividir as opiniões entre pessoas que, como eu, defendem a livre organização de partidos, pessoas que gostariam de restrições nessa área e a tentativa de preservar a livre organização e ter algumas restrições sobre a capacidade eleitoral dos partidos. Outra coisa que está muito em discussão é a questão da fidelidade partidária. Nós saímos de um regime militar que tinha uma fidelidade partidária absoluta. Não se podia trocar nem votar contra o partido. Eu sou contra a fidelidade partidária no sentido de obrigar o deputado a votar de acordo com a orientação partidária. O presidente de cada par-

tido envia a posição partidária e já está resolvido. Imagina a reforma tributária, por exemplo, com fidelidade partidária, o que ia dar no Brasil... Realmente iam aumentar os impostos de forma fácil. Diferente da fidelidade partidária durante o mandato, no sentido do cidadão não mudar de partido. Eu acho que aí nós temos um espaço para exigir que o eleito por um partido tal cumpra seu mandato por aquele partido. Eu ainda daria um prazinho para aplicar isso, para ver se o quadro partidário se estabiliza um pouco mais.

3 x 4 - A criação do Bônus Eleitoral na eleição passada conferiu maior transparência ao financiamento das campanhas, mas nem de longe garantiu o controle sobre as doações. Qual seria a solução definitiva para o problema?



“Em primeiro lugar tem que se saber onde se quer chegar. A coisa mais fundamental que vai se discutir é o próprio sistema eleitoral.”

JOÃO GILBERTO - O bônus foi um avanço, mas foi burocrático demais. O que me parece é que a gente está jogando a questão do financiamento das eleições na vala comum de tudo o que é a administração pública no Brasil, em que vale a formalidade e não a essência. Se você for olhar para o Tribunal de Contas, sempre é isso, uma peneira de formalidades. Se alguém fizer um jogo sujo, mas tecnicamente bem feito, passa. Eu vi que os partidos tiveram um problema danado para vender botons, etc., porque não estava previsto na legislação. Quer ver uma coisa simples que está na lei e permanece: o cidadão só pode arrecadar recursos para a sua campanha depois que ele é can-

didato oficializado pela convenção. Como é que você vai recolher o volume necessário de uma campanha? Pensando numa campanha presidencial: não se faz campanha presidencial no Brasil hoje sem grandes recursos, pesados, pela questão de rádio e televisão. O horário é gratuito, mas fazer o programa é a coisa mais cara que tem numa campanha. Ninguém vai disputar competitivamente uma eleição presidencial num país do tamanho do Brasil sem andar num avião. Então nós temos que criar meios de que, legalmente, de forma transparente, se tenha recursos para ter um avião. Agora, quando se diz que só pode arrecadar fundos depois da convenção...

3 x 4 - O presidente do TRE, Luiz Melblio Machado, sugere que se dê incentivo fiscais aos doadores. Isso seria uma boa idéia?

JOÃO GILBERTO - Isso era uma possibilidade. É necessário discutir mais a fundo quem pode e quem não pode doar. Empresa pode doar, sindicato não. O problema do sindicato é se perguntar se todos os seus sócios gostariam que ele desse recursos para um determinado candidato. No início do século, isso motivou uma polêmica enorme na Europa, porque a ascensão dos partidos social-democratas, que eram partidos na época baseados no operariado, se fez com dinheiro dos sindicatos. E aí um caminhoneiro entrou com uma ação na Justiça, na Inglaterra, contra o fato de o sindicato dele ter dado dinheiro para o Partido Trabalhista. Essa ação demorou anos e teve um julgamento em que o tribunal da Inglaterra decidiu que o sindicato podia arrecadar uma prestação dos associados. Essas questões são velhas, já passaram por debates em outros países. Poderia-se pensar numa forma que permitisse isso no Brasil, desde que preservado o direito individual do sócio que não queira ver o seu recurso de contribuinte do sindicato envolvido nisso.

3 x 4 - O deputado Carlos Ayrton (PPR-AC) está propondo o fim do horário gratuito de rádio e tevê destinado aos partidos ao longo do ano. O que o senhor acha da idéia?

JOÃO GILBERTO - Eu acho isso ruim, mas acho ruim também da forma que está. O horário foi criado para permitir que os partidos tivessem uma forma de pregar a sua ideologia. Isso está velho: não dá para ser um horário de uma hora. Tem que se organizar isso de acordo com o que é hoje a tecnologia e a cultura da televisão e do rádio. Essa lei foi feita quando estavam surgindo as primeiras televisões no Brasil. O padrão brasileiro era outro. Eu tive a oportunidade de assistir o final da primeira campanha do Mitterrand, em que ele e o adversário falaram uma hora cada um em rede nacional de televisão na França. Sentadinho na sua poltrona, na frente de um microfone, ele, o microfone e as câmeras. Só que o Brasil construiu uma cultura televisiva muito baseada no padrão da Globo. Hoje a gente não aceita um cara falando meia hora parado na frente da televisão. E o fato de tentar tornar os programas atraentes ou de acordo com a cultura brasileira é que encarece. Hoje cinco minutos de televisão é um espaço importantíssimo.

Junta Comercial pede socorro

A Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (Jucergs) passa momentos de dificuldade. Localizada em um prédio antigo e inadequado que nem mesmo lhe pertence, sofre com a falta de informatização e a burocracia. Os usuários, por sua vez, não poupam críticas à morosidade com que os serviços são prestados, e o Sindicato dos Contabilistas culpa o órgão por dificultar a instalação de novas empresas, a arrecadação do Estado e o próprio desenvolvimento gaúcho.

A Junta foi criada em 1877 com a finalidade de executar os registros do comércio e atividades afins. Hoje está ligada administrativamente à secretaria do Desenvolvimento e tecnicamente ao Departamento Nacional de Registro do Comércio. Ela é responsável pela constituição, alteração e extinção de firmas e sociedades, arquivamento de atas de assembleias e expedição de certidões onde constam os principais dados de uma empresa. Apesar do nome, a Junta Comercial também responde pela legalização de indústrias e prestadores de serviços.

As deficiências do órgão são um obstáculo direto ao desenvolvimento do Estado, segundo os contabilistas, porque não só as novas empresas recorrem à Junta. Qualquer companhia de âmbito nacional ou internacional que queira abrir uma filial gaúcha precisa obter registro. Em tempo de integração econômica e especificamente do Mercosul, a agilização desse processo pode garantir bons negócios. O presidente do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis (Sescon), Ivan Gatti, vai além: "não há nem serviço de pesquisa de nomes", reclama. "Se tu quiseres pedir uma certidão é complicado".

As críticas de Gatti se estendem à arrecadação pública. A relação com a secretaria da Fazenda ocorre através da necessidade de inscrição das empresas já constituídas ou encerradas no cadastro do ICMS. "A Junta demora cerca de 30 dias para registrar e permitir inscrição no ICMS", acusa ele. "Com isso, o governo perde um mês inteiro de arrecadação", de acordo com o presidente do Sescon, cerca de 5 mil empre-

sas buscam registro mensalmente, e por volta de 4 mil deixam de contribuir no mesmo período.

Gatti exige a completa informatização do trabalho. "Os computadores que eles têm são desatualizados". A última aquisição foi feita há oito anos, quando o governo federal cedeu um computador. A revolta dos contabilistas se explica: eles efetuam mais de 80% dos encaminhamentos feitos à Junta Comercial e são os primeiros a sofrer com a inefi-



ciência.

Porém, o presidente da Junta, Ruben Rosek, rebate as críticas. "Nossa Junta é uma das mais ágeis do país". Ele garante que, mesmo com um movimento diário de 800 a 1000 pessoas - atrás apenas de São Paulo - a instituição é a primeira ou a segunda mais rápida entre as demais.

Ele alega que a Junta fornece a inscrição de uma sociedade anônima num prazo de oito a dez dias, "embora a lei nos garanta até

30".

UM PRÉDIO PARA A JUNTA - No centro da polêmica está um impasse até agora não solucionado. O local ocupado há 15 anos pelo órgão, na rua Riachuelo 1030, não oferece as condições básicas de operação. Como agravante, o Arquivo Público do Estado, que forneceu o prédio, o quer de volta.

A principal desvantagem apontada é o estado de deterioração do imóvel.

Além disso, outro grande problema é a falta de espaço.

Para acomodar

projeto arquitetônico desenvolvido pela secretaria de Obras Públicas. O impasse surgiu em decorrência de uma norma do Banco Central que obriga a utilização de imóveis pertencentes aos bancos exclusivamente para os fins da atividade que eles mesmos desempenham.

Caso isso não ocorra, o imóvel deve ser vendido em leilão dentro de um prazo de seis meses.

Segundo Ruben Rosek, o prédio do Badesul já foi posto à venda duas vezes por US\$ 8 milhões e não encontrou comprador. A partir disso, a Junta e as entidades que participam do grupo de trabalho tentaram articular uma pressão política forte o suficiente para que se abrisse uma exceção nas normas do Banco Central.

O golpe definitivo nessa pretensão foi dado com a transferência, para o espaço do Badesul pretendido pela Jucergs, da secretaria de Segurança e Justiça do Estado. Abriu um precedente do qual a Junta Comercial poderia se beneficiar, até porque a permanência da secretaria no prédio, em princípio, é provisória. Mas Rosek afirma que a Jucergs já não conta com a desocupação do imóvel, que calcula acontecer daqui uns cinco ou seis meses, para pleitear novamente o local.

Ele diz que, em uma reunião ocorrida no dia 13 de março, o secretário do Desenvolvimento, Fetter Júnior, anunciou o consentimento do governo gaúcho para a procura de um local apropriado, mesmo que envolva locação. Entre os cerca de 100 imóveis desocupados de propriedade do Estado não havia um que apresentasse as condições exigidas, como metragem mínima e saguão. Enquanto a Junta Comercial procura um prédio, o Arquivo Público reivindica novamente para si a ocupação do espaço, também por necessidade. Mas Rosek garante que "a Junta não vai para a rua, para a Riachuelo. Nós vamos ficar aqui".

dar os funcionários e garantir atendimento sem grandes fi-

las são necessários pelos menos 4 mil metros quadrados e um amplo saguão. O edifício atual possui cerca de 2 mil e 800 metros quadrados.

O local mais apropriado para a transferência da Junta, apontado por unanimidade, é o prédio do extinto Badesul. A ocupação de três andares (mais o saguão) dos nove existentes já estava planejada através de um

Marcelo Gonzatto

Uma das saídas propostas para a crise é a autarquiaização da Junta Comercial. Essa iniciativa conta com o apoio do presidente da própria instituição, das entidades que estão envolvidas no grupo de trabalho e do governo do Estado. Para o processo se efetivar será desarquivado um anteprojeto de lei encaminhado em outubro de 1992 ao então governador do Estado Alceu Collares.

Segundo o assessor jurídico da Federasul, Cláudio Moretti, a idéia foi descartada na época por uma disputa entre as secretarias do Desenvolvimento e da Justiça, cada qual interessada em manter a futura autarquia vinculada à sua pasta. O documento original propunha a manutenção da Jucergs na área da secretaria do Desenvolvimento, cujo titular, Cláudio Riff Moreira, foi o autor da proposta.

A autarquiaização tornaria a Junta parte

da administração indireta do Estado, garantindo-lhe personalidade jurídica e autonomia administrativa, financeira e patrimonial. A justificativa que consta no próprio anteprojeto afirma que, apesar da estrutura precária e da qualificação técnica não-dirigida para a atividade, a instituição possui um grande potencial de desenvolvimento. Para desenvolvê-lo o melhor caminho seria a descentralização administrativa. Rosek confirma:

"a autarquia dá mais liberdade, a administração direta fica muito algemada".

Quanto à auto-sustentação não haveria problema, uma vez que a Jucergs é

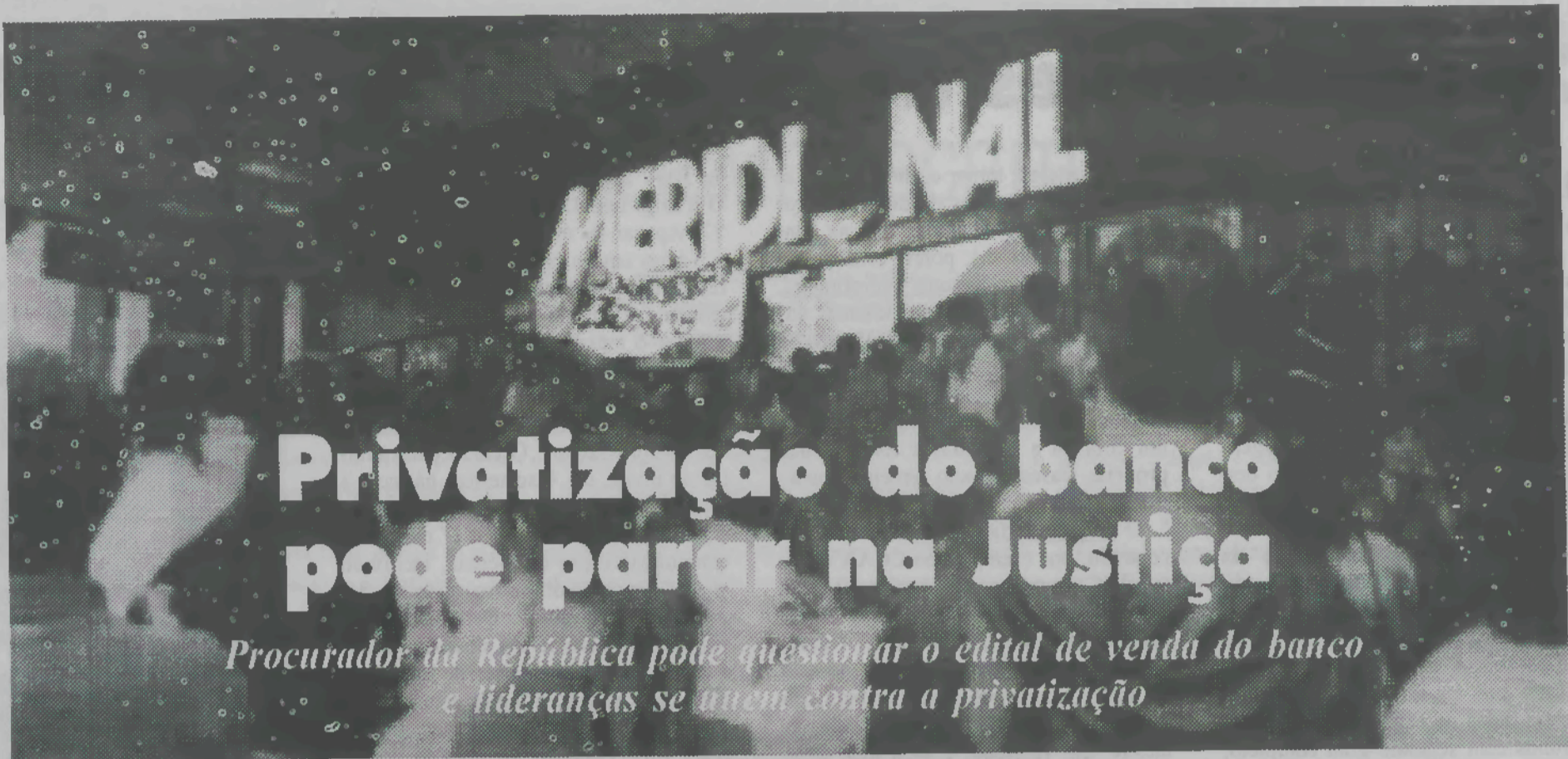
superavitária.

Rosek afirma que, no ano de 1994, a arrecadação superou a despesa em cerca de R\$ 250 mil. Gatti também aceita a autarquiaização, embora ressalte que esta é uma opção, mas não a única. O presidente do Sescon acredita que, mesmo com a atual estrutura, "se houver vontade política suficiente não haverá necessidade da mudança".

O atual secretário do Desenvolvimento, Fetter Júnior, já demonstrou total concordância com o projeto e garantiu empenho para resolver o assunto. Para facilitar, não existe mais a disputa pela

Autarquia é solução para a Junta Comercial

vinculação a uma ou outra secretaria, estando definida a Junta Comercial com integrante da área do Desenvolvimento e Assuntos Internacionais. Quando o anteprojeto recebeu parecer contrário do secretário do Planejamento e Administração da época, Francisco Carrion Júnior, a alegação foi de que a autarquiaização contrariava os rumos da reforma administrativa então em andamento, que tencionava extinguir ou reagrupar tantos órgãos quanto fosse possível. Ele também disse que a autarquiaização criaria gastos e provocaria debates na Assembleia sobre o impasse da vinculação. Debates que eram considerados por Carrion Júnior o principal empecilho para essa mesma reforma administrativa.



Privatização do banco pode parar na Justiça

Procurador da República pode questionar o edital de venda do banco e lideranças se unem contra a privatização

O processo de privatização do Banco Meridional, anunciado pelo governo para este ano, está enfrentando a oposição de lideranças políticas além de uma série de ações judiciais que contestam a desapropriação das ações do seu antecessor, o Sulbrasileiro. Apesar do acordo entre os ex-diretores do Sulbrasileiro e o Banco Meridional "terminar os litígios relacionados com a intervenção e a apuração de responsabilidades dos ex-administradores", existem outros processos na Justiça que contestam a propriedade do governo sobre o Meridional.

Para o advogado gaúcho Arquimedes de Almeida, a desapropriação dos mais de 106 mil acionistas minoritários do ex-Sulbrasileiro incorreu em erros jurídicos que lhe permitem afirmar que "o Meridional não é um simples sucessor, mas o próprio Sulbrasileiro com uma nova denominação". Segundo ele, o governo não indenizou corretamente os acionistas, nem procedeu a substituição das ações como deveria.

CRÉDITOS PODRES - O Procurador da República no Rio Grande do Sul, Domingos Sávio da Silveira, concorda com a posição expressa pelo advogado. Para ele, "o governo tinha posse provisória e não podia transferir ações para o Meridional". Domingos da Silveira também está investigando o caso do Sulbrasileiro. Ele tem recebido desde o ano passado denúncias de que o acordo para levantamento da liquidação extrajudicial da Sulbrasileiro Crédito Imobiliário (SBCI) teria sido facilitado pelo Banco Central para liberar o Meridional para privatização. Isso porque existiam litígios judiciais envolvendo a União, o Meridional e os ex-diretores do Sulbrasileiro, que estão retornando impunes ao mercado após patrocinarem um dos maiores escândalos financeiros da história do país. Além disso, o Meridional tinha aproximadamente 30% das ações da SBCI, que foram trocadas por notas promissórias referentes a negociações de terrenos na Praia de Belas.

O acerto com o Meridional foi apenas um dos passos necessários para o levantamento da liquidação da SBCI. Com o aval do então presidente do Banco Central, Pedro Malan, o economista José Antônio Carchedi (ex-vice-presidente do Sulbrasileiro) conseguiu fechar em dezembro de 1994 o acordo de seus sonhos para reaver a Crédito Imobiliário. Os termos do acordo estabelecem que 40% das dívidas com os principais credores - a Caixa Econômica Federal e o Banco Central - sejam financiadas em nove anos. Já o pagamento da parcela "à vista" para a CEF, por exemplo, será feito através da transferência de mais de 11 mil financiamentos da SBCI. Além destas cédulas hipotecárias não representarem pagamento à vista, sofrerão desvalorização. "Serão mais créditos podres nos bancos federais", denuncia um funcionário da SBCI que pediu para não ser identificado.

Apesar das graves denúncias que pairam sobre estas negociações, o Procurador Domingos Sávio da Silveira acha que uma eventual inviabilização do levantamento da liquidação da SBCI pode não ser suficiente para impedir a privatização do Meridional. Entretanto, ele promete questionar o edital de venda do Meridional se encontrar elementos duvidosos em relação à avaliação do seu patrimônio. Segundo a Gazeta Mercantil do dia 23.02.95, "o controle acionário total da instituição vale hoje, no mínimo, R\$ 530 milhões, além de outros R\$ 100 milhões em créditos fiscais a serem recebidos da União".

ESTATAL LUCRATIVA - A avaliação de patrimônio das empresas estatais privatizadas e o uso das chamadas moedas podres têm sido uma das questões mais polêmicas no debate das privatizações. Recentemente o governo também editou uma medida provisória permitindo a participação do capital estrangeiro nas privatizações do sistema finan-

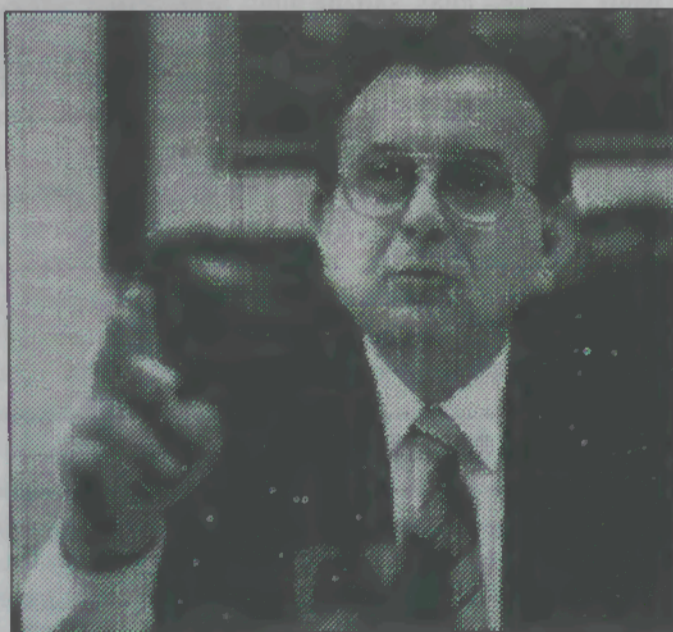
ceiro e autorizando o uso dos títulos da dívida externa. O Meridional é o primeiro de uma lista de bancos que o governo pretende desestatizar, e a reação dos sindicatos e outras entidades que se opõem a privatização foi imediata. "Como fica o discurso do governo de privatizar o que dá prejuízo, se o Meridional dá lucro", alegam prioritariamente os dirigentes sindicais. "A iniciativa privada já quebrou o Sulbrasileiro", complementam.

O Meridional apresentou em 1994 um lucro líquido de 41,2 milhões de reais e uma rentabilidade de 11,61% sobre seu patrimônio. Segundo o relatório do DIEESE, esta rentabilidade se compara a média dos seis maiores bancos privados do país. O Bamerindus, por exemplo, obteve no mesmo período uma rentabilidade de 10,43%. Segundo Wilson

tenção como banco estatal. E já ganharam importantes adeptos a sua idéia. Depois de Brizola ter vindo ao estado e se declarar contrário à privatização do Meridional, agora foi a vez do senador Pedro Simon (PMDB). No dia 27 de março, em depoimento a deputados e sindicalistas na Assembléia Legislativa, o senador destacou o momento de integração do Cone Sul e propôs a união do Rio Grande em torno de grandes temas como a defesa do Meridional. Simon se declarou favorável a idéia de privatização, mas não no caso do Meridional. "O Meridional está emprestando dinheiro para o povo, enquanto os bancos privados estão emprestando para o governo", disse se referindo às linhas de crédito preferenciais aos pequenos e micros empresários e produtores.

O deputado federal José Fortunatti (PT), um dos históricos defensores do Meridional, tem um projeto tramitando no Congresso que propõe a transformação do Meridional no banco do Mercosul. Ele e outros parlamentares gaúchos, como a senadora Emília Fernandez (PTB) e a deputada estadual Luciana Genro (PT), estiveram em Brasília participando de uma audiência com o vice-presidente Marco Maciel onde questionaram a privatização do Meridional.

Além dos deputados, as câmaras de vereadores também têm aprovado em várias cidades moções contrárias a privatização do Meridional. Em Porto Alegre, a proposta foi aprovada por unanimidade. Vereadores, deputados e sindicalistas estão organizando para o dia 6 de maio um ato nacional contra a privatização do Meridional. A manifestação promete contar com a participação de importantes lideranças políticas do país, como Lula e Brizola.



Ribas: o Meridional é o próprio Sulbrasileiro

Amorim, supervisor técnico do DIEESE, "o balanço do Meridional também indica uma expressiva participação das operações de curto prazo, um sinal altamente positivo porque permite ao banco trabalhar com um grau maior de liquidez".

RS UNIDO - O bom desempenho do Meridional tem sido o principal argumento usado pelos defensores de sua manu-

Crescem opções de cursos de inglês em Porto Alegre

O número de cursos de idiomas cresce a cada dia em Porto Alegre. Com o início do ano letivo, se apresentam inúmeras opções para quem quer aprender outra língua, principalmente o inglês. Novas escolas estão surgindo e as mais tradicionais abrindo filiais. Para competir num mercado tão saturado, cada um inventa seus truques para melhorar a qualidade do ensino e, com isso conquistar mais alunos. As vantagens variam de escola para escola, e vão desde cartões de descontos até acesso à Internet.

Muitas pessoas têm uma "noção" da língua inglesa dos tempos de colégio. Aliás, freqüentemente esquecemos que os colégios ensinam o inglês. As provas de classificação dos cursos particulares demonstram que, em grande parte das vezes, estas aulas de nada adiantam. Muitos alunos com segundo grau completo, o que significa que estudaram no mínimo 5 anos de uma língua estrangeira, quase sempre a inglesa, são obrigados a começar do primeiro nível quando procuram uma escola de idiomas. A má qualidade do ensino de línguas nas escolas de 1º e 2º graus é outro determinante na proliferação dos novos cursos.

O que motiva a grande procura por cursos de línguas é a exigência cada vez maior do mercado de trabalho. Em muitas empresas, o domínio de um idioma estrangeiro, quase sempre o inglês, é requisito fundamental para a conquista de um emprego. E a busca por uma das várias opções de cursos começa muitas vezes na infância. A maioria das escolas oferece turmas para crianças, algumas desde os quatro anos de idade. Existem cerca de 25 outras escolas de inglês em Porto Alegre. Há opções para todos os gostos. Escolas como o Michigan prometem fazer o aluno falar outro idioma em apenas um ano. O Britânia, como o nome diz, ensina a língua como é falada na Inglaterra.

MÉTODOS - Com tantas opções, fica difícil escolher. Cada escola tem seu estilo, seu método e oferece diferentes vantagens aos alunos. Atualmente, a maioria dos cursos trabalha com o método comunicativo, surgido na década de 60,

que consiste em tornar o aluno apto a se sair bem em situações do dia-a-dia. Nos primeiros níveis, a ênfase está na conversação. Ainda há, porém escolas que trabalham com o **método audiolingual**, que foi usado para ensinar idiomas aos soldados na Segunda Guerra Mundial e se baseia principalmente na memorização de formas gramaticais e modelos de frases. A partir deles, cada um começa a se soltar e formar suas próprias frases, lá pelo terceiro semestre de aulas.

O **método audiolingual** pode ser encontrado, por exemplo, no CCAA (Centro de Cultura Anglo-Americana), com três sedes na cidade. O curso se divide em 13 semestres e o método é rígido. Não é permitido falar português na sala de aula. O conteúdo é apresentado sob forma de slides ou de vídeo. Cada semestre tem 12 lições e cada uma delas conta um capítulo de história. O aprendizado se dá por meio de repetições e diálogos moldados pelo professor. O aluno aprende primeiro a ouvir e entender, sem ter contato com a forma escrita das palavras. Segundo os autores do método, se a forma escrita for vista primeiro, haverá interferência da forma brasileira de pronunciar as palavras. Por exemplo, se um brasileiro que não conhece o inglês vê a palavra *nice* escrita, seu primeiro impulso será pronunciá-la da forma como seria lida em português, e não da forma correta (*naiss*). O curso funciona no sistema de franquias. Das três escolas de Porto Alegre, duas são de um mesmo dono. O material didático é adquirido na própria escola, na hora da matrícula. Os livros são produzidos no Rio de Janeiro, para todas as escolas CCAA do Brasil. A rede ainda tem convênio com a CCLS, de Miami.

OS DOIS MAIORES - O Yázigi e o Cultural são os dois maiores cursos da cidade, tanto em número de alunos (cerca

de 5000 cada um) quanto em tradição. O Yázigi tem 45 anos e o Cultural tem 57. Apesar de muita gente pensar que o Yázigi ensina conversação e o Cultural ensina gramática, os dois usam basicamente o mesmo método, chegando a utilizar o mesmo livro para determinadas faixas etárias. O Yázigi também funciona como franquia. As dez escolas existentes em Porto Alegre pertencem aos mesmos donos. O curso para adultos se divide em 4 semestres básicos, 4 intermediários e 3 avançados, podendo ser concluído em 5 anos. O método é comunicativo por excelência, incluindo alguns aspectos de outros métodos dependendo do nível. O objetivo é fazer o aluno se comunicar em situações corriqueiras, não só nos países de língua inglesa, mas usando o inglês como instrumento de comunicação internacional. A frase *you are a citizen of the world* define bem os objetivos da organização. A publicação mensal *To be Y*, folheto colorido de 4 páginas tem duas seções fixas: o cidadão do mundo e o cidadão imundo. Em cada edição, é publicado o perfil de duas pessoas de comportamentos diferentes. Este mês, a seção cidadão do mundo falou sobre Jô Soares. É impor-



Professores do Yázigi preparam as aulas em conjunto

tante ressaltar o caráter formativo das aulas. O Yázigi, principalmente nos cursos infantis, procura ensinar não só inglês, mas também que não se joga lixo no chão e que se deve reciclar o papel. As aulas são movimentadas, incluindo jogos e recursos de vídeo, principalmente nos cursos para crianças e adolescentes. Os livros são quase todos produzidos pelo próprio Yázigi e vendidos na escola. As escolas costumam ser pequenas e familiares, com cerca de 300 a 700 alunos cada uma. Todas contam



Cultural: Biblioteca bilingue de 37 mil volu

com uma sala chamada de **Resource Center** (centro de recursos), que põe à disposição dos alunos fichas de exercícios que podem ser resolvidos independentemente, um computador equipado com CD-ROM e modem para acesso à BBS Yázigi e uma TV e vídeo cassete.

O Cultural, como é conhecido o Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano, é uma instituição declarada de utilidade pública e sem fins lucrativos. Além de cursos de inglês, o instituto é um centro bi-nacional que realiza eventos culturais em parceria com o Consulado Americano e com o Serviço Norte Americano de Informações (USIS). Em cada sala de aula há um mapa dos Estados Unidos pendurado na parede. Todos os livros adotados são importados, produzidos por editoras inglesas ou norte-americanas. Durante as aulas, são oferecidas informações sobre o modo de vida e a cultura americana. O objetivo principal da instituição é estabelecer um intercâmbio cultural entre os dois países. O curso funciona em trimestres, podendo ser concluído em seis a sete anos, dependendo dos trimestres finais, que são escolhidos pelo aluno. As aulas seguem um modelo muito parecido com o do Yázigi, dando maior ênfase à redação nos níveis avançados. Em sua sede central de 6 andares, na rua Riachuelo, o Cultural conta com uma biblioteca bilingue de 37 mil volumes, discoteca e videoteca de filmes em inglês sem legendas. O centro de aconselhamento para estudos no exterior, coordenado pela professora Cristina Perna, é procurado por alunos que querem orientação para bolsas de estudos em níveis de graduação e pós ou cursos de inglês, principalmente nos Estados Unidos. Nas três sedes que possui, o Cultural oferece também **Learning Centers** (centros de aprendizado), que contam com computado-

Onde estudar inglês

Nome	Endereço	Telefone	Preço(R\$)	Alunos por turma	Duração	Total horas/aula
Berlitz	24 outubro, 1086	222.1178	120,00*	12	18 meses	16 h/a
Britânia	Dr Timóteo, 752	346.1109	487,18	13	17 sem.	50 h/a
CCAA	Andradas, 1656/2º	225.8078	259,20	18	13 sem.	48 h/a
Cultural	Riachuelo, 1257	225.2255	225,54	15	15 trim.	36 h/a
Dominium	Cel Bordini, 1072	332.4002	308,75	12	12 sem.	56 h/a
Fisk	Carlos Gomes, 457	341.3487	420,00	15	8 sem.	50 h/a
Língua	24 de outubro, 1241	331.8022	371,85	10	7 sem.	60 h/a
Michigan	Borges de Medeiros, 340/1º	228.7415	120,00	22	9 bim.	34 h/a
Quatrum	Wenceslau Escobar, 2287	249.8811	400,00	12	7 sem.	50 h/a
Yázigi	Venâncio Aires, 777	331.2999	407,00	15	11 sem.	56 h/a

*Os preços se referem ao primeiro estágio do curso para adultos. Em muitas escolas os preços variam de acordo com o nível.

Porto Alegre



mil volumes

res equipados com recursos multimídia.

ESCOLHENDO - Aprender uma língua significa desenvolver quatro habilidades: falar, ouvir (entender), ler e escrever. Um bom curso de idiomas é aquele que dá a oportunidade ao aluno de se desenvolver em todas elas. Quanto menor o número de alunos na sala, mais atenção o professor poderá dar a cada um deles. Mas um número muito reduzido pode causar dificuldades na hora de se montar uma situação "real", espécie de teatrinho muito importante para a prática do idioma. É claro que existem cursos com mais qualidade que outros, isto se demonstra pela qualidade das instalações, do material didático e, principalmente, pela formação dos professores. Cada estudante se adapta da sua maneira a um determinado tipo de aula, por isso não se pode falar em um método melhor ou pior. Há alunos que gostam de falar para o grupo, que tem vontade de produzir o mais rápido possível. Há outros que são mais tímidos, que tem medo de errar, preferem repetir muitas vezes, ter certeza antes de se expor. Quase sempre as crianças estão no primeiro grupo e os adultos no segundo. Por isto as crianças aprendem mais rápido, por se darem mais a oportunidade de praticar o que aprendem em aula. Nos cursos para adultos, cabe ao professor criar um clima descontraído na aula, para que os alunos se sintam a vontade para participar.

Para fazer a escolha certa, o ideal é que a pessoa conheça o seu jeito de aprender. Além disso, é válido visitar algumas escolas, conversar com professores e com quem já estudou lá e dar uma olhada nos livros e materiais empregados.

Silvia Becker Lovato

Intercambistas aprendem a conviver com a violência

A idéia de viver um ano no exterior é capaz de fascinar brasileiros de qualquer idade. Mas o sonho de viver fora por um curto período está mais próximo daqueles que têm entre 15 e 18 anos e podem se inscrever em alguma organização de intercâmbio. E será que a vinda para o Brasil por um ano faz parte dos sonhos de adolescentes estrangeiros?

A morte da intercambista dinamarquesa Alice Christensen, 18 anos, na cidade do Rio de Janeiro leva a crer que morar um ano no Brasil pode ser um pesadelo, jamais um sonho. Alice chegou ao Rio no mês de agosto e, desde outubro, estava hospedada na casa de um major da Polícia Militar. O que não lhe garantiu a segurança esperada, pois na madrugada do dia 26 de fevereiro, Alice foi atacada pelo próprio segurança do prédio, que depois de tentar estuprá-la e asfixiá-la, jogou seu corpo na cisterna do prédio.

A belga Ine Waelbers, 19 anos, que veio a Porto Alegre por um programa de intercâmbio considera o que aconteceu com Alice um acidente. 'Isso poderia ter acontecido na minha cidade da Bélgica, ou em qualquer outro lugar', avalia Ine. A intercambista belga desembarcou no Brasil em agosto e confessa que não tem medo, mesmo depois de ver na tevê e ler no jornal sobre a morte de Alice. Ine já havia sido alertada, antes de viajar para o Brasil, sobre os cuidados que deveria tomar. Ela ri ao contar que seus colegas lhe diziam que aqui tiravam os olhos e órgãos das crianças de rua para vender, e que ela poderia voltar para a Bélgica sem olhos. Mas Ine não tem medo, já fala português e anda por toda a cidade sozinha. Às vezes é freada pela família hospedeira, principalmente quando acontece algum assalto ou arrastão de grande repercussão em qualquer canto do país, mas depois, tudo volta ao normal.

Muitas vezes, os mais preocupados com os riscos que a violência nas grandes cidades apresenta aos estudantes estrangeiros são os pais hospedeiros. Telma Pereira, uma mineira que vive há 16 anos em Porto Alegre, conta que, depois de ler sobre a morte brutal

de Alice, ficou apavorada. Telma recortou tudo o que saiu sobre o caso nos jornais e deu para a intercambista que está na sua casa ler. Sally Langfird, australiana, 19 anos, confessa que ouve os Pereira dizerem inúmeras vezes a palavra perigoso. 'Tudo é perigoso para eles, constata a estudante'. Mas Sally só mudou o seu comportamento depois de ter visto uma pessoa sendo assaltada no centro da cidade. 'Agora, eu seguro bem firme a minha bolsa', confessa a estrangeira. 'Sally havia sido alertada na Austrália sobre os assaltos de uma forma até engraçada', comenta Telma. 'Contaram para ela que aqui arrancavam os dedos das pessoas para tirar-lhes os anéis, mas logo mostrei que isso era um exagero'.

Todas essas histórias sobre violência só são confirmadas vivendo no próprio país. A americana Heidi Smith, 16 anos, que está em Porto Alegre desde agosto, até chegar ao Brasil não tinha ouvido nenhum comentário sobre roubo de órgãos, dedos decepados ou qualquer outra atrocidade. Sua família hospedeira também nunca fez muito alarde sobre o assunto, e Heidi sempre andou por toda a cidade sem maiores cuidados. Mas sua atitude mudou depois que tentaram assaltá-la no início da tarde no trajeto de sua casa para o colégio. Heidi, que nunca tinha visto ou sofrido um assalto, confessa que ficou apavorada e que, depois do susto, passou a andar com mais atenção pelas ruas da cidade.

Mudar os hábitos e comportamentos dos estrangeiros é uma das preocupações e dificuldades das organizações que promovem intercâmbios e das famílias que recebem os es-

tudantes. Fazê-los segurar a bolsa ou mochila de uma forma diferente é ir contra um hábito de, no mínimo, nove ou dez anos. Liliane Reis trabalhou na filial do Rio de uma organização de intercâmbio durante 19 anos e conta que, na época, a questão da violência não era tratada com grande ênfase. 'Não era um tópico incluído no Manual de Orientação, que se preocupava mais em tratar das relações sociais e padrões de comportamento', explica Liliane. 'Hoje em dia, o trabalho de orientação dos estrangeiros está mais descentralizado e, em nível local, a organização se preocupa em tratar desses temas'.

Liliane conta que nesses 19 anos só lembra de três acontecimentos mais violentos e envolvendo morte: o suicídio de um estudante suíço, um atropelamento que matou uma australiana e um estupro sofrido por uma dinamarquesa. 'Foram momentos muito difíceis para nós da organização, mas graças a Deus, não foram muitos', lembra Liliane. 'O Brasil nunca recebeu um tratamento especial internacionalmente por ter problemas de violência'. Liliane acrescenta que, somente a partir do assassinato de um intercambista japonês na noite de Halloween em Batton Rouge, nos Estados Unidos, a organização passou a solicitar que fosse abordada em todos os países filiados a questão da violência. 'Mas antes desse trágico incidente, o Brasil nunca tinha recebido nenhum tipo de orientação para discutir com os intercambistas sobre os cuidados e precauções que deveriam tomar com relação à violência'.

Maria Pia Sica Palermo



UM JORNALISMO ESCRITO COM SANGUE

Sempre há uma música do Chico Buarque na fila de espera para cumprir a útil função de virar citação, epígrafe ou ponto de partida para um texto. É difícil resistir à tentação. Na música Notícia de Jornal, o compositor declara que a "dor da gente não sai no jornal". Certo? Nem tanto. A dor da gente não sai nos jornais ou revistas somente se o jornalista não quiser. O mundo real, doloroso, vivo, com seus cheiros e ruídos, fica exilado do papel-jornal exclusivamente se os repórteres tiverem uma atitude condescendente com a realidade. Em palavras talvez fortes demais: só se o jornalista for um frouxo. Em *Malhação do Judas Carioca*, do jornalista e escritor João Antônio, tem-se uma demonstração clara de que o jornalismo pode ser feito sem deixar a vida do lado de fora.

Os doze textos reunidos neste livro, escritos na década de 60 e compilados pela primeira vez em 1975 pela editora Civilização Brasileira, transpiram o mundo suburbano e marginal da ex-cidade maravilhosa, o Rio de Janeiro. Foram publicados na inquietante revista *Realidade*, que ousou sacudir a pasmeira que dominava as redações brasileiras nos elétricos anos 60. A ousadia a que a revista se permitiu foi tentar trazer o Brasil esquecido para as suas páginas, deslocando o eixo da cobertura, ao perseguir a captura do perene entre os fatos do dia-a-dia. A audácia de pautar o país real. Sem qualquer preconceito, abordar o futebol, o gingado da mulata, a malandragem, a vida nos subúrbios, onde as pessoas simplesmente vivem, por mais incrível que isto pudesse parecer a alguns jornalistas da época. E João Antônio embalou-se nesta toada. Na *Realidade*, o autor encontrou o meio fértil para fazer florescer o seu jornalismo escrito com sangue - ele sempre fez questão de afirmar que "escrever é sangrar".

NEW JOURNALISM

É impossível se referir ao trabalho de João Antônio sem que se tenha como parâmetro o new journalism norte-americano. Gente como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe, que romperam com a fronteira teimosa entre o jornalismo e literatura. Eles argamassaram os elementos expressivos típicos da literatura à preocupação em captar a realidade, essencial ao jornalismo, que acabou saindo revigorado desta aproximação.

João Antônio é um bandido escrevendo sobre bandidos. O autor ensina no posfácio do livro que o traço principal da sua obra, seja ela de ficção ou coletâneas de reportagens, é a tentativa de desvendar o mundo dos marginais a partir da ótica dos marginais. "É o enfoque vindo dos lados dos merdunchos, dos bandidos". E acrescenta: "Ao escrever, é preciso, como repórter, dar a mesma porrada que o bandido, o jogador, o bicheiro, o traficante, dão para sobreviver". Trata-se de um jornalismo que transita sem náuseas ou pudores pelo ambiente dos marginalizados e dos excluídos, evitando um ponto de vista exteriorizado e distante, com seu ranço elucidativo, higiênico e a sua mania de procurar explicação para tudo. João Antônio dá murros e porradas, como os personagens que retrata. Sem meio-tons ou lustros.

REFÚGIO DOS INFELIZES

Em *Malhação do Judas Carioca*, o mundo dos marginalizados não é "outsider". João Antônio desenha suas prosti-

tutas, seus jogadores de sinuca, seus pedintes, homossexuais, bêbados, cafetões, travestis, degenerados, sem marcá-los na testa com a pecha dos marginais. Ele transporta esta realidade, ora dolorida, ora pungente, para os seus textos, mas sem a pretensão de explicá-la ou despertar a comiseração dos leitores. Um padrão de difícil digestão para os modelos atuais das redações.

Na reportagem *Pingentes*, são retratados os pingentes da Central do Brasil, linha férrea que corta os subúrbios do Rio de Janeiro. Ele é taxativo na crítica: "Incrível como os intérpretes e repórteres conseguem enxergar tudo sob o ângulo de quem não é passageiro da Central e vê o desastre do lado de fora". De acordo com a lógica do autor, o subúrbio é o refúgio dos infelizes, parodiando Lima Barreto, e os passageiros apenas prolongam para os trens a aventura de equilibrar-se no cotidiano pela sobrevivência. Uma metáfora original. João Antônio caçoa inclusive da Sociologia, racionalizante por dever de ofício e para

é o espetáculo. Fiel ao estilo esmurrado, João Antônio se desmancha em obscenidades. "A Galeria ferve de pederastas e lésbicas. Tem beijo na boca, dado, sugado, molhado, em público".

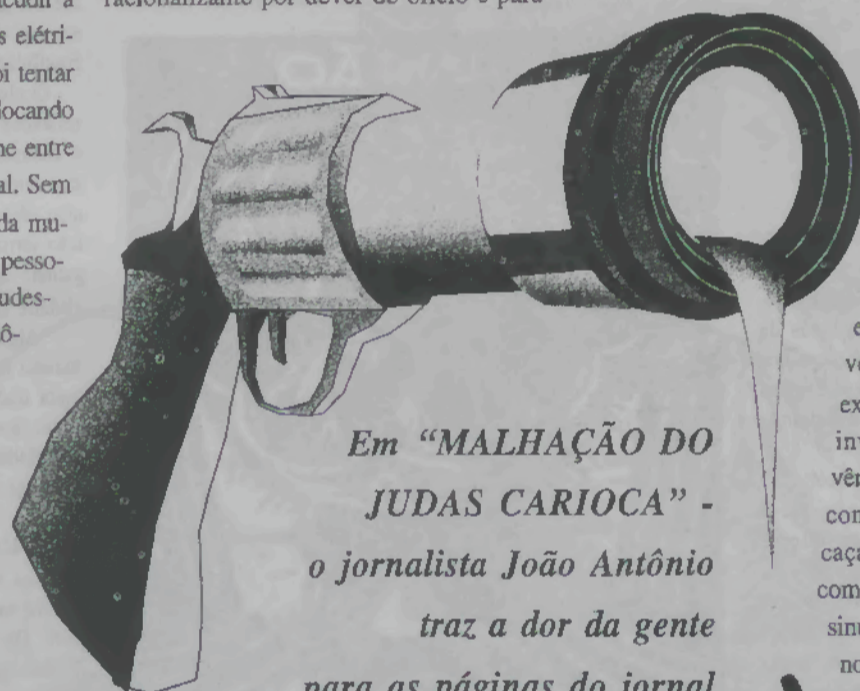
Malhação do Judas Carioca também radiografa as zonas esquecidas da cidade do Rio de Janeiro. O cais do porto, por exemplo, é pincelado em Cais, com toda a sorte de tipos que trabalham nas lides dos navios ou sobrevivem como parasitas da atividade portuária. Neste texto, proliferam os pardieiros e as mulheres de vida fácil, sempre prontas a transformar um marinheiro em otário. "Gente de perna estrepada, caras de fome, pescoços de galinha. Gente queimando sol nas soleiras urinadas". Em *Lapa Acorada para Morrer*, o autor desfia uma saudade doída de uma Lapa largada no tempo. João Antônio chama o bairro carinhosamente de a "Montmartre dos pobres" - lembrando um bairro de Paris - e traça a história de vida e morte de inferninhos que já foram o luxo e hoje vegetam oferecendo um "amor de caras pisadas e de cansaço nas pernas".

CORPO-A-CORPO

O autor de "Malagueta, Perus e Bacanaço" concebe o jornalismo assim: num corpo-a-corpo permanente com a vida. Ele mesmo reconhece que quer fazer um jornalismo de bandido para bandido, e isto só foi possível porque João Antônio viveu o mundo que descreve. O texto *Sinuca* é exemplar neste aspecto. O autor sempre foi um inveterado jogador de sinuca e usou a sua vivência para escrever a matéria, que funciona bem como um compêndio do jogo de tacos, bolas e caçapas. Ele substantiva o jogo. Brinda o leitor com uma série de sinônimos para os elementos da sinuca - só para o dinheiro apostado ele oferece 37 nomes - e explica cada detalhe, expõe a personalidade dos freqüentadores típicos do joguinho. Ensina até mesmo as maneiras mais usadas para trapacear. E adverte: "A sinuca abrevia outras coisas e valores. Principalmente a juventude, o entusiasmo, o brilho dos cabelos e os pulmões. Às vezes, até o cérebro".

O mundo de João Antônio é mais vasto que uma crítica. Em *Malhação do Judas Carioca*, antevê-se a obra do autor em seus traços principais. O texto seco, sem salamaleques, arquiteturas formais e elaborações psicológicas. E, principalmente, uma realidade dolorida compartilhada pelas pessoas comuns e incorporada com coragem ao texto jornalístico. Em alguns momentos, ele leva ao paroxismo a descrição do seu mundo perebento, lixoso e encardido. Exagera ao acotovelar seus homens e mulheres deformados e esquecidos, chegando a emprestar um caráter absoluto e irrevogável à miséria. Sua obra reconhecidamente não bebe do jornalismo obcecado pela verdade dos fatos. É, antes, um jornalismo que procura e precisa sentir os fatos, tocá-los com a mão. E por isto só, ler João Antônio já terá valido a pena.

Alexandre Elmi



Em "MALHAÇÃO DO JUDAS CARIOCA" - o jornalista João Antônio traz a dor da gente para as páginas do jornal

quem o drama dos pingentes representa a tentativa de recuperação da individualidade através do perigo. A equação do autor é mais preciosa: são pingentes na vida, sofrem, mourejam e, portanto, o risco da viagem perigosa é apenas mais um risco. Nada mais.

VIDA VIRADA

Puristas repetem mecanicamente que o pecado deste jornalismo conluiado com a literatura é a infidelidade. Sua falta de rigor, seus métodos pouco precisos. Os avanços que o escritor-repórter faz sobre as consciências dos personagens, como se fosse onisciente. João Antônio pode passar ao largo desta crítica, pois raramente recorre ao psicologismo. Sua prosa é despojada de floreios e costuma abusar da descrição substantivada - enriquecida pela observação participante - no lugar do aprofundamento psicológico. Em *Galeria Alaska*, o autor apresenta o mundo decadente da galeria, verdadeiro viveiro de prostitutas, lésbicas e homossexuais, encravada no fígado de Copacabana. Ele estabelece um contraponto entre o movimento da galeria durante o dia, em que pessoas da bocejada e bronzeada classe média carioca transitam pelos seus corredores, e o fervo noturno, onde o sexo fácil e invertido

SANSÃO E AS MULHERES

"E abro de repente os olhos, que não tinha fechado."

Álvaro de Campos

Mesmo Montaigne, que teve entre seus grandes méritos abdicar da matemática moral e religiosa de sua época em favor do bom senso e do senso prático, não se viu livre do preconceito contra as mulheres. Escrevendo acerca de suas distrações prediletas, ele coloca em primeiro lugar os livros, em segundo a companhia de homens inteligentes e, finalmente, a "frequentação" de mulheres belas. Montaigne, citando Cícero, diz então que não lhe é possível fugir a essa atração pelo sexo feminino: "pois também temos olhos conhecedores". A menção aos olhos não é gratuita. Para o criador dos "Ensaíes", "no amor, em que a vista e o tato predominam, ainda se consegue alguma coisa sem o espírito e nada sem os encantos físicos". O sábio francês não hesita em dizer que, enquanto os homens dominam o mundo pela sua inteligência superior e a sensatez, a arma (sic) das mulheres é a beleza.

Mas as idéias de Montaigne quanto ao assunto são bastante moderadas em comparação com as que ou coisificam a mulher ou associavam-na ao demônio. André Tiraqueau, um magistrado contemporâneo de Montaigne, chegou a publicar no século XVI um tratado sobre como escolher e domar uma esposa: "Nenhum homem deve jamais casar-se com uma mulher que seja ou muito pouco atraente ou bonita demais. Se ela é completamente despidida de atributos, não é provável que agrade a seu marido. Se é bonita demais, poderá agradar a outros maridos. Conserva sempre sua esposa a uma distância discreta - nem muito perto para lhe enfeitiçar, nem muito longe que vá enfeitiçar outros homens". Medo, muito medo e insegurança é o que parecem sentir esses sábios homens em relação às mulheres. Elas são perigosas, enfeitiçam, tiram-nos da sua razão, afastam-nos do bom senso e das medidas.

PRECONCEITO

Recentemente, surgiu a hipótese de que o Antigo Testamento fosse obra de uma ou mais mulheres. Mas são tão machistas as Escrituras que fica difícil acreditar nisso. Como todos sabem, Deus fez a mulher com um naco de carne de segunda arrancado ao homem, e por culpa de Eva, que foi meter-se com o demônio, a humanidade ficou manchada para sempre. As mulheres da Bíblia são, em primeiro lugar, fêmeas, e depois, com alguma boa vontade, gente. A cada patriarca era facultado abrigar em sua tenda quantas esposas coubessem nela, e na tenda de Salomão coube um rebanho de mais de mil.

A religião, na cultura judaico-cristã, reforça o preconceito. O mal é logo ligado à tentação e não há maior tentação que a mulher. Soma-se a isso que, a partir do momento em que se estabelece o dogma da existência da alma, especula-se que se a mulher é coisa de Lúcifer talvez não tenha alma, como os animais, esses serezinhos postos por Deus no mundo para servir ao homem. Eis aí o machismo justificado. Outra noção do judaísmo que reforça esse raciocínio é a do útero como propriedade da religião. Pela fé dos profetas, tudo que nascer do ventre de uma ímpia será ímpio, e tudo que sair da barriga de uma judia será judeu. É por isso que se permite às mulheres da nação o casamento com gentios, o que acaba aumentando o corpo de fiéis, e se proíbe o casamento dos homens judeus com mulheres de outros credos. Semelhante à lei dos tempos do Império brasileiro, que tornava escravos os filhos de escravas, a tradição judaica transforma a mulher num ventre e o ventre num bem.

Mas a vinculação da mulher com a perdição, com a feitiçaria, com tudo que é ruim e execrável, com o domínio do animal sobre a racionalidade e o bem, é dos elementos mais encontrados em qualquer cultura. Ulisses precisou tapar com cera os ouvidos e amarrar-se ao mastro do navio para resistir ao canto sedutor das sereias. Mais uma vez os sentidos, e desta feita a audição, fazem do homem um fítere nas mãos da fêmea. Contudo, o alemão Michael Kunze já afirmava que "os olhos são mais suscetíveis de persuasão que os ouvidos". É por isso que toda a sensatez do mundo não foi capaz de impedir que os olhos de Menelau provocassem a Guerra de Tróia, essa espécie de Primeira Grande Guerra da Antiguidade, que só aconteceu porque Helena era bonita demais.

ALCOVA

O grande poder atribuído às mulheres parece ser a faculdade de fragilizar os homens, faz-los dizerem coisas que deviam calar e cederem onde ceder é a morte. Num dos textos de ficção mais antigos que se conhece, o conto egípcio "A história de Rampsinos", isso já se faz presente. Um rei nota que seus tesouros estão sendo roubados. Todo seu poder não lhe é suficiente para descobrir o criminoso. Ele então incumbe sua filha de oferecer-se para os homens do reino, com o objetivo de arrancar na

camã a confissão do ladrão. De fato, diante da intimidade graciosa e persuasiva do jovem corpo, todos revelam sem maior resistência seus mais absconos segredos. E porque, como diria Shakespeare milênios mais tarde, "a beleza desperta a cobiça mais depressa que o ouro", o próprio ladrão do tesouro, embora suspeitando tratar-se de uma cilada, não suporta a tentação e procura a princesa. Juntos no tálamo, ele acaba confessando o crime.

A história de Sansão, que está no Livro dos Juizes, tem sido invariavelmente interpretada como uma demonstração dos perigos dos casamentos mistos entre judeus e não judeus. Mas o texto permite algumas outras associações, que se não forem ilustrativas e pertinentes, ao menos distração podem proporcionar.

O povo de Israel estava sob o jugo filisteu, quando o jovem Sansão foi pela primeira vez a Tãmnata. Na volta, disse a Manué, seu pai: "Eu vi em Tãmnata uma mulher das filhas dos filisteus. Rogo-vos que me deis por esposa". O pai aconselhou que ele procurasse mulher entre as irmãs de seu povo, mas Sansão não deu ouvidos: "Dá-me esta, porque agradeu aos meus olhos". É sintomático que Sansão peça a seu pai uma mulher como um menino pede um ferrograma no Natal. Ele sequer havia conversado com a moça, nada sabia sobre ela, e pouco lhe importava se também o queria, seus olhos tinham gostado do que viram e ele não respondia por mais nada. Manué não insistiu em demovê-lo e tratou de arranjar as bodas. Nisso talvez possa haver um pouco de gozo judaico em possuir a mulher do inimigo, numa espécie de adultério intercultural. O que aliás é uma constante nas histórias



narradas no antigo Testamento. Os judeus sempre se dão bem com as mulheres de seus senhores, resultado do forte orgulho sexual característico do imaginário hebraico.

URBANIDADE

O mesmo Sansão que não pode resistir a uma mulher bonita é o mais forte dos homens. Um dia é atacado por um leão feroz. Despedaça o animal como se ele fosse um frágil gatinho criado a leite. Passando pelo local dias depois, vê a boca do felino cheia de mel. Nesse meio tempo, seu casamento fora acertado e à festa das bodas compareceram trinta filisteus convidados pela noiva. Com urbanidade, Sansão propôs-lhes um enigma: "Do comedor saiu comida, e do forte saiu doçura". Ficou combinado que se eles decifrassem o problema, Sansão lhes daria trinta lençóis e outras tantas túnicas.

"Acarícia o teu marido e faz que ele te descubra o enigma proposto", disseram os filisteus à esposa de Sansão. Foi o que ela fez. Sansão respondeu que não podia revelar o segredo, mas ela tanto chorou, esgançou-se, queixou-se de que ele não a amava, que o filho de Manué acabou revelando a resposta. A mulher sem demora a repassou a seus amigos, que disseram a Sansão: "Que coisa há mais doce que o mel, e que coisa há mais forte que o leão?" Como vingança, Sansão matou trinta filisteus e tirou-lhes as vestes para pagar a aposta. Irritado com a esposa, voltou para a casa dos pais. Contudo, voltou para reconciliar-se com a mulher. Mas ela já tinha outro. Enfurecido, queimou a colheita dos filisteus e matou mais de mil deles. Tudo por causa de uma mulher.

Logo depois dirigiu-se para Gaza, onde acabou lhe atraindo

uma prostituta, com quem se deitou. Os filisteus, provavelmente informados pela meretriz, prepararam uma emboscada, mas Sansão deixou a mulher antes do amanhecer e conseguiu escapar de seus inimigos. Por pouco uma outra mulher que agradeu seus olhos não lhe causa a ruína.

Foi então que Sansão conheceu uma filistéia de nome Dalila, com quem foi viver. Os príncipes dos filisteus procuraram-na e ofereceram-lhe dinheiro para descobrir de onde vinha a força do marido. Dalila insistiu, mas ele se esquivava com respostas falsas. Ela tanto se queixou e disse que ele mentia porque não a amava, usou de tantos artificios sedutores, fez-lhe tamanhas juras, que Sansão não teve outro remédio a não ser revelar a origem de sua descomunal força: os cabelos. Na mesma noite, ela o fez adormecer sobre seu colo e tosquiou-lhe a cabeça. Dalila entregou o marido aos filisteus, que vazaram-lhe os olhos.

LIBERDADE

O ciclo parece que se fecha. Os olhos que tanto prejudicaram Sansão, agora lhe eram arrancados. Isso pode ser visto como uma punição por ter sucumbido tantas vezes aos encantos femininos, às mulheres erradas, ímpias e traidoras. Se uma mulher já tem parte com o demônio, que pode ser mais perigoso que uma mulher herege? Mas a verdade é que a perda dos olhos pode ser interpretada também como a conquista da verdadeira visão, pois só então Sansão agirá de maneira refletida e desferirá um golpe consequente em seus inimigos. Isso porque, sem os olhos, as mulheres agora lhe são indiferentes. Pois se a força de Sansão estava nos cabelos, era nos olhos, isto é, na demoníaca beleza feminina, que estava sua fragilidade.

O elemento dos cabelos também fornece material para algumas reflexões. Quando os cabelos de Sansão são cortados, é como se o castrasse. E castrado; Sansão vê-se diminuído perante os outros homens, e por isso já não lhes pode opor resistência. É preciso então, para melhor entendimento, dividir Sansão em dois. O leão feroz, forte e invencível entre os homens, e o outro, o frágil gatinho criado a leite, incapaz de resistir ao brutal poder da sensualidade feminina.

Algum tempo depois, quando seu cabelo já havia crescido, Sansão foi levado como um animal exótico para ser exibido numa festa onde se reuniam os mais poderosos dos filisteus, Sansão pediu que o pusessem junto às colunas que sustentavam o palácio. Redimido, ele roga a Deus que lhe devolva as forças. Empurrando as colunas, destrói o prédio e soterra mais de três mil pessoas.

ATUALIDADE

Mas se o tema é antigo, parece continuar atual. Um rápido exame na Música Popular Brasileira nos propicia alguns exemplos. Diz Nei Lisboa: "Eu tenho os olhos doidos/ Meus olhos doidos/São doidos por ti". Já Arrigo Barnabé canta: "No princípio Deus criou o céu/ E no princípio Deus criou a Terra/ A Terra porém estava um caos/ E as trevas dominavam tudo/ Ai o dedo de Deus fez a luz / Ai o dedo de Deus fez o homem/ O dedo de Deus fez aquela que seduz / E tudo mudou / Alguém perguntou/ Será que Deus mudou / ou será que mudamos de Deus?" É a mulher descrita como sedutora, e não se pode esquecer o que esta palavra designa, que é algo bastante diverso da conquista. A conquista é algo honesto e aberto, uma espécie de jogo onde todas as regras são conhecidas. Já a sedução é um tanto abjeta, porque desonesta, e um pouco demoníaca, na medida em que se faz de subterfúgios, trapaceas e mentiras. Pela tradição, a mulher seduz e o homem conquista. Seja como for, é o que se depreende de Arrigo Barnabé, quando ele diz que a chegada da mulher mudou tudo, inclusive Deus.

Já Luiz Tatit utiliza o tema dos olhos como ele aparece na história de Sansão: "Eis a razão que eu sempre peço/A Jesus para me livrar / Dos castigos da mulher que um dia/ Os olhos meus venham a gostar". É curioso que essas duas últimas canções remetam à religião, como se só as forças divinas pudessem salvar os homens das mulheres, esses demônios encantadores. Aliás, o tema dos olhos como perdição também é antigo. A cegueira física como sinônimo de visão acurada da verdade está em Sófocles tanto na figura de Édipo como na do adivinho Tíresias. Também é digno de nota que o ensaísta e escritor Jorge Luiz Borges só tenha encontrado a mulher certa, com quem casou depois de uma longa vida celibatária, depois que ficou cego.

Itamar Melo de Oliveira

Desconforto. (Algu/ma coisa está errada.) Rejeição.

O repúdio da crítica em relação à pintura impressionista, quando esta surgiu, gerou nos críticos futuros um tamanho complexo de culpa que hoje, tudo o que surge de novo é, com louvor, aprovado e aplaudido. ← Volta ← Volta ← Volta. NOVO. De acordo com o AURELIÃO, isso quer dizer: recente, moço, que é visto pela primeira vez, que acaba de ser feito ou adquirido, que tem pouco uso, original, estranho, desconhecido. No vocabulário artístico: choque, inovação. Um verdadeiro "Halls" para a percepção. Sem equívocos, tem que surpreender, deixar o observador admirado (ou até mesmo confuso, irado, violento). Exercitar o gênio do entendimento.

O que acontece, porém, é que a instituição da novidade como valor fundamental da arte tornou-se uma espécie de terrorismo. É como uma bomba em explosão latente, que inibe o juízo crítico e garante a vigência de qualquer idéia, por mais absurda que seja. Tudo isso em prol do neo, do diferente. Um movimento que vem se arrastando desde o final do XIX, quando a indústria e a tecnologia começaram a desfilar novidades e apontar caminhos. Ora, era essencial que também se efetivasse uma mudança no campo artístico. Uma ruptura com os padrões tradicionais, com a literalidade e com o academicismo. O primeiro grande passo veio com os impressionistas. Depois as vanguardas.

Já naquele tempo, qualquer hipótese, qualquer dúvida levantada sobre qualquer suposta inovação já era atitude suicida. Quem ousasse não entender o espírito da coisa e, talvez por isso, criticar (Aurelião: censurar)... todos já sabiam: era o retrógrado, o caretão de hoje.

Pois bem, como ninguém estava a fim de ser taxado com tão modernos adjetivos, criou-se uma espécie de convivência entre artistas e críticos. Um mundinho à parte onde a permuta de idéias geniosas e o cálculo de teorias convincentes são vitais. Microuniverso circulado por poucos e invejado por muitos. Nicho que Tom Wolfe classificou como *Boêmia dos Culturatti*. Os críticos pegando a onda dos artistas e estes a dos modismos. Tudo, porém, em voga. *Vogue*.

Como o prestígio do novo, do excêntrico e contemporâneo é adubo para o consumismo, a sociedade, mesmo sem entender e talvez até por oportunismo, abre as portas das instituições comerciais e oficiais a toda sorte de neo.

É claro, porém, que essa sacralização tem causas profundas. Primeiro porque houve uma ruptura com os modos de representação. A reconstituição do fato anedótico dando lugar à construção do fato pictórico. Depois porque há um mercado de arte para alimentar. Daí o vai-e-vem de estilos e modas, que não refletem uma aquiescência dos artistas ao gosto do público, mas, como bem explanou Giulio Carlo Argan, uma necessidade de provocá-lo, chocá-lo, apontar os caminhos da arte-sem-fronteiras.

É nesse ponto a crítica assume um papel essencial.

al. Ela desempenha uma função mediadora, como uma ponte sobre o vazio que se tem vindo a criar entre os artistas e os públicos. Explica a teoria, mostra o genial na abstração, no monocromático, na comunhão de elementos. Isso legitima a hipótese de uma espécie de caráter inacabado ou, pelo menos, de uma comunicabilidade não-imediata da obra de arte. A crítica, além disso, acelera o consumo, e, portanto, a substituição. Por isso a acusação de depender do capricho das modas ou até de as provocar. Numa sociedade fundamentalmente econômica como a nossa, já não pode existir uma relação entre o valor verificado pela crítica e o preço do mercado. Aliás, as obras de arte circulam na sociedade na medida em que ao valor artístico se faz corresponder um valor econômico.

Deste modo, a condição de mercadoria a que a obra de arte se submete desde a instauração do regime capitalista, atinge-lhe a própria essência, tornando-a apenas uma mercadoria como qualquer outra. O artista, por sua vez, ou entra na desabalada carreira das

De fato, o que Duchamp, Brancusi e toda a trupe fizeram foi balancear os valores, e não fundamentar uma linguagem pictórica, como fizeram Morandi, Braque, Matisse, Calder e Picasso, por exemplo. E a razão é bastante simples. Seus trabalhos decorrem de estudo, apontam novas possibilidades de transmutação do material em espiritual, do vulgar em poético. E isso só se consegue com um domínio dos meios de expressão, com uma acumulação gradativa de experiências. Reciclagem de experiências.

Como já havia colocado Pierre Francastel, em seu *Peinture et Société*, "o trabalho artístico é o modo que o artista tem de se construir fora de si, ampliar e dar permanência as suas sensações". É claro, porém, que esse trabalho exige pesquisa, entrega. Uma tarefa que encontra razões nas próprias dificuldades, no exercício de tentar insuflar sensações na tela, na pedra, nas tintas. A busca pelo maravilhoso, pelo poético, sagrado. A busca pela emoção, pelo toque e choque de experiências vividas pelo observador e pelo artista. Aquilo que Diderot insistia em chamar

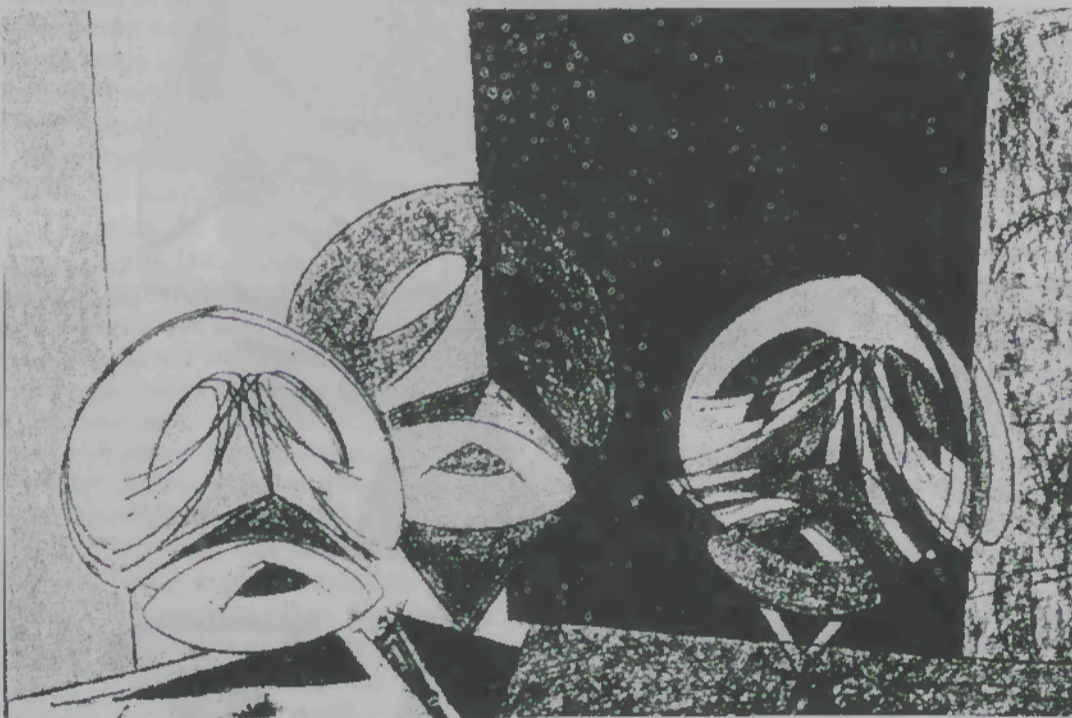
de *passionalidade da obra*, que deveria comunicar o impulso do gênio e resgatar o homem da monotonia e inércia do cotidiano. O diferente e inesperado. Sem par. Isso porque o artista não é um produtor de objetos. Em nenhum momento ele vai competir com a indústria. Cada obra é uma obra. O impar. A razão de ser nesta singularidade. *É isto*.

Daí porque não têm cabimento as regras, as normas e macetes que poderiam ajudar o artista a ter um resultado satisfatório e academicamente correto. Daí o vazio das mudanças aceleradas, das modas, que, na maioria das vezes, não permitem o estudo e dedicação necessários. Violentam a própria natureza da arte. Promovem

artistas medíocres em detrimento da pesquisa e doação de outros. E todos aplaudem, porque, ora(!), faz parte do show.

Vejo que o entusiasmo exacerbado pelo NOVO e a perda de referências quase que anulou o juízo crítico. Isso provocou o surgimento de dezenas de movimentos estéticos num espaço muito curto de tempo. A promoção do fugaz, do passageiro. Daquilo que a arte não quer ser, *efêmera*.

Bem, como é muito mais fácil destruir que construir, temos assistido a um espetáculo de quedas que, na verdade, promove a ascensão do velho remontado. Um *Playmobil* que faz questão de iludir a todos. Tanto a artistas, que se imaginam como que sentados no topo das idéias, como a público, que mesmo sem muitas vezes entender, assiste a tudo da platéia e sorri no final do espetáculo. "Entendemos tudinho".



modas, ou não se submete, correndo o risco de ser ignorado pela crítica, pelas instituições oficiais e pelo mercado.

Esse fenômeno de obsolescência já estava presente nas teses defendidas por algumas vanguardas do início do século que, entusiasmadas pelo processo industrial, sugeriam que a obra não mais devia se limitar à contemplação do observador. Deveria, isso sim, fazer parte da vida social, igualar-se ao objeto industrial, que não é fruído na contemplação, mas no uso, *consumo*.

Além disso, o caráter artesanal das artes plásticas passou a ser questionado. Muitos artistas viam nos objetos mais simples e cotidianos as formas perfeitas. Como o *Urinol de Bar*, de Duchamp, que pretendia mostrar a independência da obra de arte em relação ao artesanal e à própria elaboração individual.

Para Ferreira Gullar, foi tamanha a contestação dos *dada* que hoje, sem nada de muito original para contestar, o movimento perdeu toda sua força expressiva. O que havia era uma expressividade externa aos próprios artistas, meramente conjuntural.

Paula Ramos

*o topete e o blue jeans, na moda;
o jazz de Charlie Parker, na música; o LSD, na droga*

O escritor paulista João Moura Júnior escreveu em artigo para a Folha de São Paulo, "há certas coisas que decididamente não resistem à idade. Música pop é uma delas. Literatura beat é outra." Mas não é difícil perceber que tal afirmação soa um pouco preconceituosa, principalmente quando Francis Ford Coppola produz um filme sobre seu principal expoente, mais de trinta anos depois.

O nascimento da literatura beat ocorreu no final dos anos 40, nos Estados Unidos, movido por um grupo de amigos em que se destacaram Jack Kerouak, William Burroughs e Allen Ginsberg. O país vivia o período do pós-guerra, de grande afluência econômica e muita repressão e censura às manifestações artísticas.

Há quem diga que o movimento beat foi mais um fenômeno sociológico do que literário. Mas a verdade é que dezenas de livros ilustraram e documentaram a vivência e os sonhos de uma geração inconformada e aventureira que marcou os anos 40 e 50, transformando o comportamento jovem e a própria literatura americana. Eles fumaram, beberam, viajaram, ouviram muito jazz e anteciparam a nova juventude que se afirmaria ideologicamente nos anos 60.

O mais intrigante é que muitos jovens que incorporaram estigmas do comportamento beat (o topete e o blue jeans, na moda; o jazz de Charlie Parker, na música; o LSD, na droga) desconhecem completamente a literatura beat. No Brasil, os livros só começaram a chegar no começo dos anos 80, numa iniciativa das editoras Brasiliense e L&PM. São livros inexplicavelmente desconhecidos por quem se interessa e muitas vezes tenta recuperar alguns valores da contracultura.

E a literatura?

Para o jornalista e tradutor de *On the Road*, Eduardo Bueno, uma das grandes contribuições dos beats foi recuperar a literatura genuinamente americana, que começou com Walt Whitman, Henry David Thoreau e Herman Melville (autor de *Moby Dick*) no século passado. "Depois deles, que foram chamados de 'Transcendentalistas da Nova Inglaterra' a literatura americana se tornou muito europeizada. Tinha alta qualidade, como em Hemingway e Fitzgerald, mas dentro de uma visão de romance europeu. Os beats romperam totalmente com essa tradição, e pela primeira vez incorporaram a linguagem da rua, a linguagem do povo americano à literatura. Portanto, esse coloquialismo, essa soltura da linguagem, essa incorporação definitiva da gíria ao texto literário são uma conquista dos beats."

E quem foram eles?

Jack Kerouak começou a escrever seu clássico *On The Road* em novembro de 48, com a certeza de que estava escrevendo o romance de sua geração - como de fato estava. *On the Road* conta a história de três viagens de carona e trens de terceira classe que Kerouak empreendeu pelos Estados Unidos com seu amigo Neal Cassady. No livro, eles são chamados de Sal Paradise e Dean Moriarty. Essa foi a clássica primeira viagem tipo "mochila nas costas e nenhum dinheiro no bolso" da literatura.

O que aconteceu foi que esse livro botou milhares de jovens americanos na estrada. Eduardo Bueno afirma que "se a explosão hippie dos anos 60 foi interpretada como consequência indireta de *On The Road* - o que não é de todo exagero - nenhum livro deste século deflagrou uma revolução comportamental maior do que a obra de Kerouak."

Só que até mudar radicalmente a cabeça dos jovens americanos, Kerouak teve de esperar nove anos e revisar muitas coisas para que alguma editora se dispusesse a publicá-lo. Nesse meio tempo, escreveu mais nove livros, do total de 23 em seus 47 anos de vida.

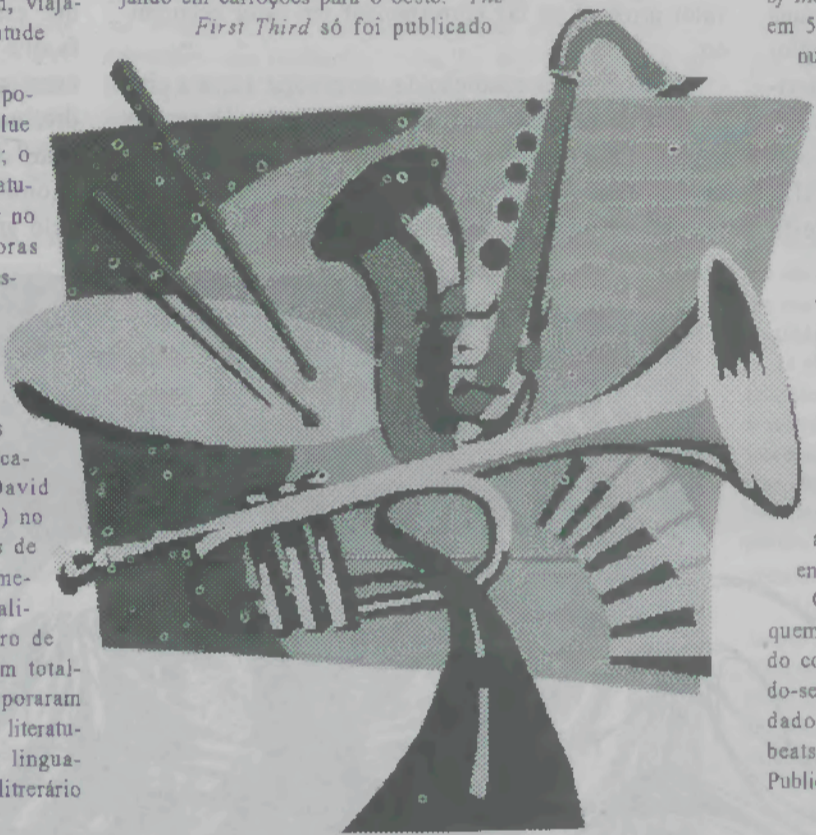
Mas em função do alvoroço que *On the Road* causou, suas outras obras e sua contribuição à literatura ficaram relegados a um segundo plano, quase esquecidos. E isto frustrou-o a ponto de renegar *On the road* no final de sua vida, odiando cada cabeludo americano e cada página da literatura beat.

A grande revolução formal que Kerouak propôs na literatura, e que não foi levada adiante por ninguém, foi com relação ao SOM da prosa. Kerouak queria que suas longas frases, malucas, autoreferentes e cheias de vogais e rimas internas soassem como um solo de saxofone de Charlie Parker, grande jazzista de be bop. *Visions of Cody* é o livro

em que esta tentativa aparece com mais clareza.

Eduardo Bueno comenta que o mais curioso foi que Kerouak desenvolveu esse estilo - o estilo beat por excelência: laudatório, verborrágico, impressionista, vertiginoso, incoerente, espontâneo, repleto de sonoridades e gírias - a partir das cartas de Neal Cassady (ex-delinquente juvenil que queria ser escritor).

Neal Cassady foi o aventureiro que inspirou *On the road*, e é o beat mais autêntico, por ser de todos o único que já nasceu na marginalidade. Em *The First Third* (O Primeiro Terço), seu único livro, Neal conta os primeiros anos de sua vida, criado pelo pai bêbado nas ruas de Denver. Ele traçou um importante panorama da vida marginal americana do pré-guerra, com seus becos sujos, ruínas marginais, barbearias e bairros de vagabundos. Para o editor Lawrence Ferlinghetti, que publicou Neal Cassady, a sua biografia assume, para a geração televisiva e sem memória dos anos 80, "um caráter similar ao das cartas dos pioneiros viajando em carroções para o oeste." *The First Third* só foi publicado



BEAT

em 1971, três anos após a morte do seu autor, aos 42 anos.

William Burroughs é o que se pode chamar literalmente de uma lenda viva. Aos 81 anos, continua lúcido e trabalhando (gravou recentemente um CD com Tom Waits) contrariando todas as leis da lógica e da medicina. É inacreditável que tenha sobrevivido a tantos excessos. Em *Junkie*, seu primeiro livro, fez o relato mais impressionante sobre o vício em heroína. Completamente louco, bissexual e viciado em todos os tipos de droga (experimentou até inseticida), matou sua mulher, Joan Volmer, no Novo México, em 51. Os dois, bêbados, brincavam de Guilherme Tell com um copo na cabeça de Joan e uma arma na mão de Burroughs. Desnecessário contar o desfecho.

De origem aristocrática e família milionária (seu avô foi o inventor da máquina de calcular), Burroughs exerceu uma infinidade de profissões até resolver, aos 38 anos de idade, virar escritor. Antes disso, lia muito. Além de *Junkie*, Burroughs escreveu um livro chave para a literatura beat, *Naked Lunch* (Almoço Nu) em que, segundo Eduardo Bueno, botou o léxico no liquidificador. Na verdade, o que esse velho fantasma fez foi transformar o pesadelo das drogas pesadas em literatura de vanguarda. O que não foi pouco.

Os Poetas

O termo *beat*, criado por Kerouak, significa ritmo, em

inglês. E a literatura beat foi assim chamada porque, tanto em prosa quanto em poesia, ela reproduz o ritmo da fala americana, principalmente da região de São Francisco.

O poeta Allen Ginsberg, o mais jovem de todos, sempre foi o intelectual dos beatniks. Hoje é considerado o melhor poeta americano em atividade. Em *Howl* (Uivo), seu primeiro e mais famoso poema, conta a estranha vida de seus amigos e de sua geração. Ginsberg vive há trinta anos com o também poeta Peter Orlovsky, e está sempre engajado em movimentos ecológicos e pelas minorias. Seu mais belo poema, *Kadisish*, conta a história de sua mãe, uma trotskista russa radicada nos Estados Unidos, que morreu quando Allen era adolescente.

Lawrence Ferlingetti, poeta e editor, possui a City Lights, considerada a principal editora americana dos anos 60. Foi ele quem lançou vários beats no mercado editorial. Tem hoje quase 70 anos, e continua um sujeito simples, de jeans surrados, cuidando de sua livraria em São Francisco. *Coney Island of the mind* (Um Parque de diversões da cabeça), publicado em 58, é considerado o seu melhor livro. Ferlinghetti continua escrevendo, e se define muito bem nesses versos "Sou um pianista/ num cassino abandonado/ numa colina à beira-mar/ em meio ao espesso nevoeiro/ mas sempre a tocar."

Gregory Corso nasceu em algum gueto miserável de Nova Iorque, no Greenwich Village, em 1830. Criado entre orfanatos e reformatórios, aos 17 anos, começou a percorrer as estradas da América e, no início da década de 50, conheceu Ginsberg e Kerouak, nos bares próximos da Universidade de Columbia. Em 55 lança seu primeiro livro, *Lady Vestal*, pela City Lights de Ferlinghetti. Depois lança *Gasolina* e *The Birthday of the Dead* (1960). Este "louco cabeludo" é hoje um dos melhores poetas dos Estados Unidos, que transporta para os seus poemas a sordidez dos becos e a solidão das noites de neon. Ginsberg o define como "um arremessador de palavras, mestre da ciência dos bocados enlouquecidos da linguagem."

Carl Solomon, o "dadaísta do Bronx", é o escritor para quem foi dedicado o poema Uivo, de Ginsberg. Estigmatizado como louco, esteve internado várias vezes e, identificando-se com Van Gogh e Artaud, sempre se considerou "suicidado pela sociedade". Diferentemente dos outros autores beats, aventureiros de estrada, ele é essencialmente urbano. Publicou apenas dois livros, um em 66 e outro em 67, com o título *De Repeite* (ax-EESH, III).

B@S@I@A@A@O@M -es

Muitos pensam que os jovens rebeldes dos anos 60 vieram do nada. Isso não é verdade. Os beats, ainda nos anos 40, provaram que existia uma cultura jovem, e que essa cultura era essencialmente libertária.

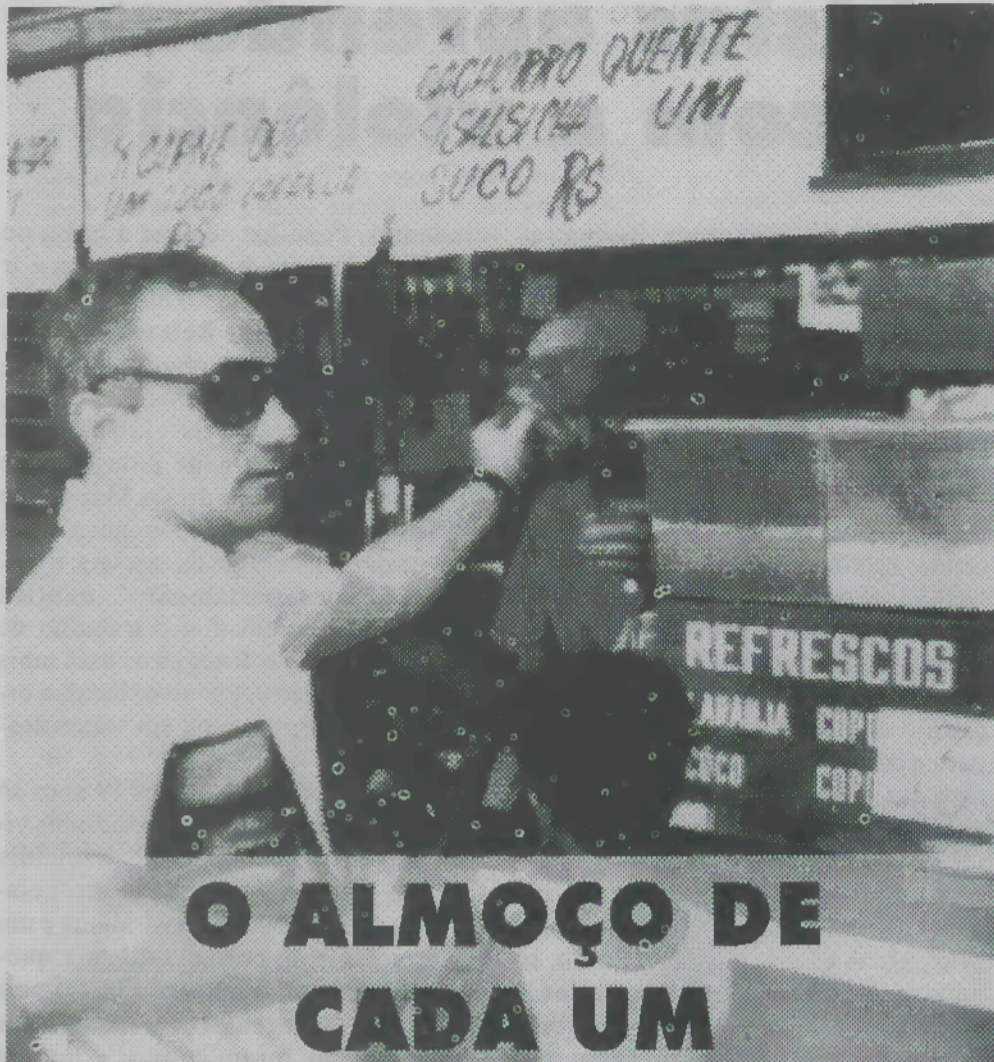
Os traços de misticismo (em Ginsberg e Kerouak), marginalidade (em Corso e Cassady), preocupação com a natureza (Ferlingetti), urbanidade (em Solomon) e anarquia da linguagem (Burroughs), até hoje ligados ao comportamento jovem, estão todos ali. E em grandes doses.

Alguns mais intelectualizados e críticos (Ginsberg e Ferlingetti), outros mais ingênuos (Kerouak, Corso e Cassady) e outros totalmente enlouquecidos (Solomon e Burroughs), todos eles provaram que é possível viver experiências como as deles. E isto foi revolucionário. Chamá-los de infantis é uma maneira um pouco simplória de diminuir sua capacidade de realização e influência.

A vida de cada um deles é uma lenda. Histórias às vezes patéticas, às vezes extremamente violentas, se confundem e se completam em seus livros. Todos já estiveram presos ou internados. Muitos já morreram.

Mas o que fica de suas obras é uma visceralidade tão rara e tão extrema quanto suas vidas. E para gostar da literatura beat, é preciso vê-la desta forma. Por isso ela sempre será incompatível com a postura acadêmica tradicional. Se pretensos intelectuais vão continuar dizendo que a postura rebelde desses caras não passa de uma recusa em amadurecer, que viva Peter Pan.

Laura Cánepa



Meio-dia. Centro da cidade. Dezenas de pessoas almoçam descansadamente no restaurante de um sofisticado hotel cinco estrelas. Garçons de "smoking" preto, unhas aparadas e limpas revezam-se na oferta de faisões e taças de vinho. O ar condicionado central e a música de uma FM tradicional garantem o bem-estar dos senhores envolvidos em linhos e gravatas de seda. Algumas quadras adiante, lanchonetes disputam, aos gritos, os contados trocados de centenas de trabalhadores, sem direito à ave rara ou à taça de vinho.

Calça jeans surrada e camisa listrada, Paulo Silveira, morde rapidamente o xis, farto em maionese. Todos os dias, almoça na Lancheria Continental, uma das 26 bancas do Abrigo da Praça XV. "Fui em todas as lanchonetes da redondeza e aqui tem o melhor xis", explica entre uma dentada e outra. Paulo, assim como a maioria dos freqüentadores do centro da cidade, não tem tempo para almoçar. Confessa que sente falta do emprego anterior, que oferecia vale-refeição. Antonio Piagetti, proprietário da lancheria, vende cerca de 60 lanches por dia e seus clientes gastam, em média, R\$ 1,40 por almoço.

Na banca ao lado, Roberto Feijó dos Santos, há 19 anos funcionário da Lancheria dos Irmãos, conta que seus clientes almoçam em cinco minutos e acredita que, se tivessem dinheiro, não comeriam lanche. "Um prato de comida, na volta do mercado, custa R\$ 2,50. Quem tem essa grana para gastar todos os dias?"

A falta de dinheiro e de tempo são uma combinação perigosa, assegura a nutricionista Maria Aparecida Oliveira de Araújo. O grande problema desse tipo de alimentação, segundo a especialista, é o colesterol, o reaproveitamento da gordura, culpado por boa parte dos infartos, dos derrames e da hipertensão. As mastigadas rápidas, apoiadas no balcão, podem causar gastrite, azia ou flatulência, acúmulo de

gases no tubo digestivo.

Com o dinheiro comprometido com o curso de Ciências Contábeis, no Objetivo, Eduardo Zão, 22 anos, diz que o salário só dá para comer duas vezes por semana em restaurante. "A maioria das refeições faço aqui na Pastelaria Andrade, sempre um xis ou uma batida reforçada." Confessa que sente ardência no estômago quando faz uma refeição mais elaborada. "Ele, com certeza, já tem no mínimo uma gastrite", atesta Maria Aparecida. Outro caso preocupante, segundo a nutricionista, é o de Luciano Cristiano Faustino Pereira, 15 anos, que há um ano come sempre dois rissoles de galinha na mesma pastelaria. "Isso me sustenta o dia inteiro, já acostumei, não consigo mais comer comida."

Rissole, pastel ou xis podem não ser uma alternativa saudável, mas, com certeza, em pior situação estão aqueles que almoçam apenas um suco, muito comum após o dia 15, quando o salário já terminou. "Esses estão fuzilados", assusta a nutricionista. O dinheiro escasso não é problema para Giovanni de Andrade, proprietário da pastelaria - os clientes assíduos pagam só quando recebem. "Aqui é como um banco", atesta Eduardo Zão.

No mesmo banco, ou melhor, lancheria almoça diariamente Anelize Farias - um xis e um suco, R\$ 1,40. Anelize, desembaraçada, brinca com Giovanni: "É bom limpar a chapa, o que eles vão pensar?"

O mais desatento dos transeuntes percebe, nas cestas de lixo, na graxa das chapas, nas moscas ou nos mendigos que repousam nos cantos do abrigo, que a higiene é precária. Uma das consequências, para Maria Aparecida, é a ocorrência de diarreias, vômitos e infecções alimentares. A sujeira das lanchonetes do Abrigo da Praça XV é bem visível, mas ninguém garante que seja muito pior do que a cozinha do hotel cinco estrelas.

Cristiane Ostermann

ECOLOGIA E COOPERATIVISMO

Com 16 anos de idade e mais de 1500 sócios a Cooperativa Ecológica Coolméia cria a Feira da Cultura Ecológica e prova que é uma experiência que deu certo. A nova feira surge como um espaço para a produção urbana e consolida o mercado ecológico em Porto Alegre.

Fundada em 1978 por membros de uma entidade espiritualista chamada "Grande Fraternidade Universal", ela foi pioneira na comercialização de produtos ecológicos. Longe dos modelos tradicionais de cooperativismo, a Coolméia surgiu mais pela necessidade de pessoas que buscavam uma melhor qualidade na alimentação do que propriamente pelo combate ao uso de venenos na agricultura. Entretanto, devido ao seu caráter eminentemente ecológico, acabou participando de muitas lutas ambientalistas no Estado. O início da década de 80 foi um momento extremamente rico do movimento ecológico gaúcho. O Rio Grande do Sul surgia como um centro mundial no combate aos agrotóxicos, com a criação de uma lei estadual que proibia a venda de alguns produtos em nosso território.

A integração da cooperativa com a sociedade civil acabou dando-lhe um caráter menos espiritualista. Foi exatamente esta abertura que criou as condições para o surgimento das feiras ecológicas. Havia a necessidade de levar para a rua a preocupação com a qualidade dos alimentos e da vida. Em 1986 foi criada a primeira Tupambaé (homenagem às experiências primitivas de cooperativismo praticadas pelos índios Guaranis). Estas feiras divulgavam experimentos com medicina alternativa, reciclagem de lixo, agricultura ecológica e vários outros projetos e vivências reunidas no círculo da Coolméia.

A COOPERATIVA - O principal objetivo da Coolméia é a busca constante de uma maior e melhor qualidade de vida do ser humano. Seus membros fundadores, todos espiritualistas e vegetarianos, compartilhavam de uma visão alternativa das relações de trabalho. O cooperativismo foi a fórmula encontrada para socializar e aperfeiçoar estas relações.

A entidade, que tem sua sede na Av. José Bonifácio nº 675, possui hoje 1500 sócios distribuídos em 3 categorias: sócios-consumidores, sócios-produtores e os sócios-servidores. A princípio, todos são considerados consumidores. Dentre eles, 40 trabalham diretamente nas diversas atividades da cooperativa, são os sócios-servidores. A terceira categoria, dos sócios-produtores, conta com aproximadamente 300 filiados.

Entre os serviços oferecidos pela Coolméia estão o entreposto, a quitanda, a lancheria, a confeitaria e o refeitório. Todos comercializam produtos ecológicos, ou seja, produzidos sem veneno. Estão incluídos aí, desde queijos, sucos, frutas e verduras, até saborosos pratos da culinária naturista.

O controle de qualidade destes produtos é uma atividade complexa. Segundo a engenheira agrônoma integrante do núcleo técnico-agrônomo da cooperativa, Glaci Campos Alves, o extensionismo é algo bastante caro. Para isso, eles contam com a ajuda de outras entidades ligadas à agricultura ecológica. Os técnicos de Porto Alegre fazem o acompanhamento nas áreas próximas à capital. Nas regiões mais distantes, recebem auxílio de técnicos do Centro de Agricultura Ecológica de Ipê (CAE-Ipê), e da Fundação Gaya, de José Lutzenberger.

Esta assistência é a garantia de produtos realmente naturais nas prateleiras da Coolméia. Outra garantia é a conscientização do associado. Segundo Glaci, eles nunca foram em busca do produtor: "A opção pela agricultura ecológica deve partir do indivíduo".

AS FEIRAS - Em 1989 foi realizada a primeira feira de Agricultores Ecologistas da Coolméia. Hoje ela ocorre todos os sábados de manhã em frente a sede da cooperativa, na Av. José Bonifácio. Um dos objetivos da feira é oportunizar a relação direta entre produtor e consumidor. Nelas, o público urbano toma contato com a realidade do homem do campo (seus problemas, suas dúvidas, suas dificuldades) e o produtor, por sua vez, passa a compreender melhor as necessidades e exigências de seu consumidor. Nas bancas são comercializados os mesmos produtos encontrados no entreposto e na quitanda. Os preços são fixados na média dos preços praticados pelos cinco principais supermercados da cidade.

Além da tradicional Feira dos Agricultores Ecologistas, este ano foi criada a Feira da Cultura Ecológica, que acontece na Av. Getúlio Vargas nº 1384. O seu objetivo é abrir espaço para a produção urbana ligada à ecologia que extrapole o sentido exclusivo da alimentação. Nela, são realizadas atividades de resgate cultural, terapias alternativas, oficinas de reciclagem e a exposição de toda a produção urbana que busca a qualidade de vida.

Vitor Hugo Dalla Rosa Filho



Jogo de empurra na fiscalização de fontes radioativas no estado

Cerca de 20 clínicas possuem serviços de radioterapia ou medicina nuclear (MN) no Rio Grande do Sul, sem que a Secretaria da Saúde participe da fiscalização através de seus dois órgãos. Segundo José Fuentesfria, do Departamento de Vigilância Sanitária, a inspeção cabe à Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam). O supervisor de radioproteção da Fepam, Juarez Mattos, nega, explicando que a entidade fiscaliza as fontes utilizadas nas indústrias. "Nossa atuação, na área médica, só ocorre em casos de denúncias quanto ao destino dos resíduos radioativos", esclarece.

Assim, a secretaria não sabe quando e como o produto chega, e os hospitais só se responsabilizam pelo material a partir de sua entrada na instituição. A Secretaria da Saúde se limita a verificar os serviços de raio X e a conceder os alvarás de licença. É bem verdade que há uma visita para averiguar a estrutura da área de radioterapia ou MN do hospital, antes da liberação do alvará.

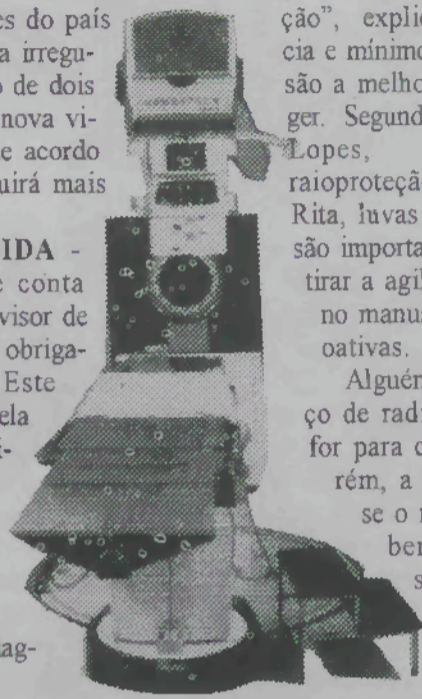
O resto da fiscalização compete à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), que determina normas que vão desde espessura de blindagens e limite de doses à auto-

rização de compra de fontes e exigência de planos de emergência. O problema é que a CNEN fica no Rio de Janeiro e inspeciona todas as unidades do país uma vez por ano. Caso haja irregularidades, a CNEN dá prazo de dois meses para reparos. Se, na nova visita, a clínica não estiver de acordo com as regras, não conseguirá mais adquirir matéria radioativa.

INVISÍVEL E INSÍPIDA - Para atuar, cada unidade conta com, pelo menos, um supervisor de radioproteção credenciado, obrigatoriamente, pela CNEN. Este profissional é responsável pela qualidade e aferição de equipamentos, pois um aparelho descalibrado pode expor o paciente a radiações desnecessárias, sem curar um tumor ou fornecer detalhes importantes de um diagnóstico.

Preocupações existem porque a radiação ionizante é invisível, inodora e insípida. Seus efeitos não são imediatos. Juarez Mattos diz que os equi-

pamentos de proteção individual apenas atenuam a radiação. "Evita a contaminação, mas não impede a irradiação", explica. Para ele, distância e mínimo tempo de exposição são a melhor forma de se proteger. Segundo a física-médica Ana Lopes, supervisora de radioproteção do Hospital Santa Rita, luvas e roupa de proteção são importantes, mas não podem tirar a agilidade do profissional no manuseio com fontes radioativas.



Alguém só procura o serviço de radioterapia ou MN se for para curar um tumor. "Porém, a terapia só será feita se o risco for menor que o benefício", declara o supervisor de radioproteção do Hospital de Clínicas, o físico-médico Alexandre Bacelar.

Neste hospital, antes de qualquer terapia ou diagnóstico, o paciente recebe noções básicas sobre o exame.

CURA, MATANDO - O professor José Túlio Moro, do Laboratório de Radiação do Instituto de Física da UFRGS, ressalta que a radiação cura, matando as células que não se quer, mas podendo afetar células boas. Bacelar diz que pequenas doses podem, em 30 anos, causar danos a nível molecular, se manifestando, em primeiro lugar, nas células - a estrutura básica do corpo.

De acordo com Mattos, estas alterações podem ser transferidas para tecidos e órgãos. Ele explica que, quando uma molécula de enzima é inativada ou alterada, pode afetar uma reação específica que produz determinada proteína para realizar determinada função. "É uma cadeia e pode só se manifestar daqui três gerações", observa Túlio Moro.

Os hospitais e clínicas do Estado trabalham com Cobalto 60, Césio 137, Estrôncio 90, Iodo 131, Tecnécio 99m, Gálio 87 e Tório 201. A utilização das fontes varia conforme a terapia e o diagnóstico.

Luciano Bauermann

Teste de capacitação física reduz riscos na prática esportiva

Na última edição da Maratona de Nova Iorque, três competidores morreram, vítimas de ataque cardíaco. Nenhuma deles era esportista profissional; estavam correndo apenas pelo prazer de participar do evento. As três pessoas não fizeram qualquer tipo de avaliação médica antes da maratona.

Em dezembro de 1990, o jogador de futebol Everton Luis Formoso Pires, o Sabará, aos 25 anos, morreu de parada cardíaca na U.T.I. do Hospital Vila Nova, em Porto Alegre. Ele havia sido levado às pressas ao hospital por amigos, após desmaiar em uma simples pelada, num campo do bairro Vila Nova. Mesmo sendo um profissional, constantemente exigido por preparadores físicos, em momento algum de sua carreira foi possível notar qualquer problema.

Os dois casos citados são trágicos e incomuns, mas evitáveis. Obviamente, ninguém está livre de acidentes numa atividade esportiva, mas existem certas precauções que podem reduzir riscos. "Todas as pessoas deveriam fazer testes de capacidade física e orgânica antes de praticar esportes", diz o ortopedista Ivan Pacheco, especialista em Medicina Desportiva. O médico lembra que entre os profissionais há sempre o risco de morte súbita, como aconteceu com Sabará. Ele cita também o exemplo da esposa de um colega, uma colombiana que praticava triatlon. Sem

que se soubesse porquê, seu coração parou de bater quando estava andando de bicicleta, em Porto Alegre.

A partir da avaliação física, a pessoa pode definir a intensidade, a duração e a frequência do exercício que deseja realizar. É certo também que não se pode começar a praticar esportes sem dar tempo ao organismo de recuperar o condicionamento físico e a proprioceptividade, que é a sensibilidade das articulações e músculos ao movimento. O princípio vale também para quem já foi atleta na juventude, e que hoje é sedentário. "O exercício tem que ser um hábito, como alimentar-se e dormir", alerta João Ricardo Turra Magni, um dos fundadores do IMED de Porto Alegre, o Instituto de Medicina do Esporte.

OBESOS E FUMANTES - A avaliação prévia antes de um programa de exercícios também é defendida pelo cardiologista Delmar Andrade, um dos sócios no IMED. Segundo ele, fumantes, obesos, hipertensos, pessoas com mais de 35 anos ou com histórico de doenças súbitas na família devem se submeter aos testes. Aos demais, Andrade aconselha não fazer mais do que 30min. de exercício, já que a partir desse tempo aumenta a incidência de lesões, como traumatismos. O cardiologista também recomenda aos obesos que optem pela natação ou

hidroginástica, mas em piscinas de água fria, onde podem perder calor para o ambiente externo com mais facilidade, prolongando a resistência física.

Para ilustrar a necessidade dos exames prévios, Andrade conta de forma humorada o caso de um de seus pacientes, um fumante de 40 anos que queria começar a jogar futebol com os amigos no condomínio onde morava, nos finais de semana. O cardiologista pediu-lhe que fizesse um eletroesforço, mas ele não fez. Um mês antes de entrar no time dos amigos parou de fumar. No entanto, na quarta semana de jogo teve um enfarte. "Depois de recuperado", lembra Andrade, "ele confessou que desejava melhorar seu condicionamento físico para só então fazer o eletroesforço".

Além dos testes físicos, a principal recomendação dos médicos é a de não exagerar na carga dos exercícios. O conselho é dirigido especialmente aos sedentários que pretendem fazer qualquer atividade física, seja uma corrida na beira da praia ou um futebol com os colegas de trabalho. Segundo Ivan Pacheco, ao forçar o ritmo eles correm sérios riscos de ter problemas musculoesqueléticos, como distensões, entorses e rupturas de ligamento.

SINAIS DE CANSAÇO - Pacheco vai mais longe ainda nas suas recomendações. "Esporte apenas uma vez por

semana não traz benefícios", diz. O ortopedista recorda que, até alguns anos atrás, eram seguidas as idéias de cientistas norte-americanos que preconizavam a prática de exercícios aeróbicos três vezes por semana, durante 45min. Atualmente, prega-se a prática diária de atividades físicas, num tempo não superior a 30min. "A tendência atual é diminuir a intensidade do exercício, mas aumentar a frequência", explica Pacheco. Na mesma linha de raciocínio, o médico acrescenta que os sedentários devem respeitar os sinais de cansaço do organismo. "É preciso evitar o 'dar tudo o que pode'", alerta Pacheco.

Há uma última orientação que não deve ser esquecida. "Depois do exercício, não se pode parar bruscamente", avisa Delmar Andrade. É por isso que se aconselha, por exemplo, que após uma corrida de meia hora a pessoa caminhe alguns minutos, para não parar subitamente o coração. Pacheco reforça o conselho: "desacelerar é uma das partes mais importantes do exercício". Os dois médicos também recomendam que as pessoas façam aquecimento antes da prática esportiva e alongamento depois, para evitar lesões e dores musculares, como as terríveis câibras.

Ticiano Osório

Uma luta desigual

Falta de entidades especializadas em atender menores prejudica o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente

Quando o Conselho Tutelar foi implantado em Porto Alegre, em setembro de 1992, muita gente pensou que esta seria a solução definitiva para os problemas que envolvem crianças e adolescentes. Dessa previsão otimista, os conselheiros tutelares nunca compartilharam, pois sabiam do complicado desafio proposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente: transformar meninos e meninas desassistidos em "sujeitos de direito". Passados a euforia inicial e dois anos e meio de trabalho árduo, o Conselho Tutelar é hoje uma referência para as comunidades dos bairros, mas nem sempre está pronto a dar o melhor encaminhamento para um menor agredido ou desamparado. Na sua luta diária, os conselheiros enfrentam uma demanda crescente, esbanjam vontade, mas esbarram nas limitações internas e na falta de estrutura externa.

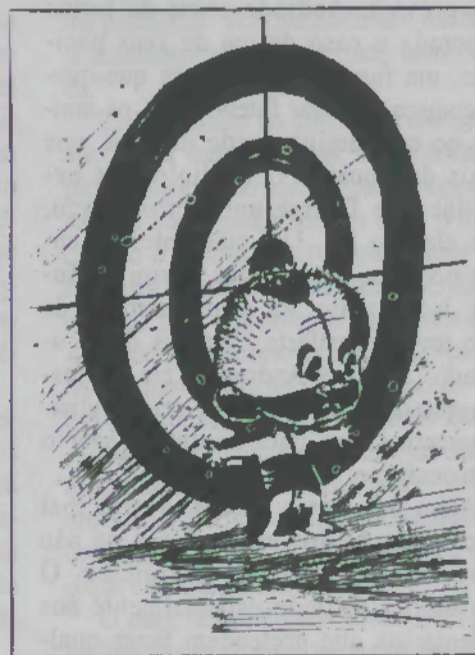
Segundo a presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Haidê Venzon, o Conselho Tutelar já atendeu a 16 mil casos. Alguns são simples e dependem apenas de uma assinatura do conselheiro tutelar, como a requisição de uma certidão de nascimento para uma criança de família carente. Outros mostram as verdadeiras exigências que batem às portas de cada uma das oito microrregiões em que o Conselho está instalado. Isso é visível quando é preciso prestar assistência, acompanhar e encaminhar a tratamento os menores vítimas de maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, negligência e abandono, apenas para citar os casos mais comuns.

As queixas se concentram na escassez de casas especializadas no atendimento e tratamento de crianças e adolescentes. "Falta uma rede de apoio competente para onde encaminhar os casos", esclarece Mariza Alberton, conselheira da microrregião 8, localizada no centro. Crianças vítimas de maus tratos, negligência e agressão que precisem de internação de emergência só têm um lugar para onde ir em Porto Alegre: a Casa de Passagem, da Prefeitura. Mas a casa é só para crianças de sete a 14 anos e tem de 15 a 20 vagas, um número insignificante perto do universo de meninos e meninas agredidos na capital.

DESINTOXICAÇÃO - Há outros casos graves que acabam gerando internações não muito apropriadas, em ambientes onde predominam adultos. Dois exemplos disso são os menores que usam drogas ou que tem alguma disfunção neurológica. Como não existe um lugar especial, para internação e tratamento, os conselheiros costumam encaminhá-los ao Hospital São Pedro. "Se um gurizão chegar aqui e me dis-



Nem todos os menores carentes têm a assistência fora dos Conselhos



ser que quer parar de cheirar loló, eu só tenho o São Pedro para internar e fazer desintoxicação", revela Sarai Pereira, conselheira na microrregião 5, que abrange a vila Cruzeiro e bairros adjacentes. A situação é igualmente grave para os pais que precisam fazer terapia familiar. Segundo Sarai, esse tratamento tem que ser feito no Hospital Pre-

gar 20 crianças de zero a seis anos. O órgão vai implantar ainda quatro núcleos de apoio familiar, com atendimento psicos-social, um novo albergue na Zona Norte para crianças de sete a 14 anos sem vínculo familiar, e oito núcleos de atendimento extra-classe, um em cada micror-região do Conselho Tutelar. Todos os programas de proteção e atendimento ao menor são formulados pela FESC e pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que administra um fundo anual de R\$ 500 mil para ajudar nos gastos de creches e outras entidades carentes.

COZINHEIRA - As dificuldades dentro do Conselho Tutelar também contribuem para que o acompanhamento às crianças nem sempre seja eficiente. Em cada microrregião, existe a necessidade de uma equipe técnica multidisciplinar, formada por advogado, médico, psicólogo e assistente social, imprescindíveis no amparo à família do menor e na resolução de questões jurídicas. Atualmente, porém, a única equipe técnica existente atende às oito microrregiões. Não é raro também ver algum conselheiro atacando até mesmo de cozinheiro e faxineiro. "Nós aqui somos tudo. Temos que fazer o leitinho de um, limpar o vômito de outro", diz a conselheira Mariza Alberton. Esse acúmulo de atribuições prejudica a dedicação integral dos conselheiros a outras tarefas de maior importância.

A própria população, involuntariamente, por desinformação ou carência, atrapalha o funcionamento do Conselho Tutelar, pois vai em busca de soluções que não cabem ao conselheiro. Na microrregião 5, muitos moradores carentes acreditam que o Conselho Tutelar é uma entidade que presta assistência social. A conselheira Sarai Pereira já perdeu a conta do número de vezes que virou assistente social. Ela já conseguiu comida para pobres com fome e até pediu madeira para construção de uma casa.

"Tem dia que a gente perde o sono", confessa Sarai, traduzindo a preocupação e a angústia dos conselheiros tutelares 24 horas por dia. Essa luta diária pelos direitos de crianças e adolescentes será amplamente discutida até o dia 17 de setembro, quando serão escolhidos, por voto direto, os 40 novos Conselheiros Tutelares de Porto Alegre. No dia 1º de novembro, ao assumirem o cargo, eles terão em mãos um Estatuto da Criança e do Adolescente para cumprir. Mas, junto com esta tarefa, será preciso convencer os governos municipal e estadual a olharem para estes jovens como prioridade social

Eduardo Soldatelli Sozo

Pretty woman de verdade

A prostituta chique que consagrou Julia Roberts no cinema, além de bela, é uma mulher de sorte. Não precisou aguentar homens pervertidos, bêbados, sujos ou - o pior - gordos. Nunca levou uma surra do cafetão ou de algum cliente descontente com o preço. Não dividia com a colega de apartamento e de profissão o gosto pelas drogas. Possuía um invejável estoque de preservativos e fazia uso deles. Queria mudar de vida. Ou melhor, sair da vida. Uma verdadeira princesa, escondida sob aquela peruca loira chanel. Totalmente alheia e imune à marginalidade do meio. Uma jóia rara. E para completar encontrou numa das esquinas de luta diária ninguém menos que o Richard Gere. Sally ficou grávida aos 16 anos. Os pais separados. Fugiu da casa do pai. Encontrou a mãe na prostituição. Segundo ela mesma "foi no embalo". Drogada, bandida, traficante, presidiária. Em 20 anos chegou ao fundo do poço da sua vida marginal. E lá estava ela: a AIDS. Pensou em morrer. Desistiu de morrer e resolveu escrever um livro. A História de Sally Gogu de Mello. As memórias de uma mulher da vida. Com a ajuda de duas jornalistas e o apoio da Pastoral da Mulher marginalizada de Lages, em Santa Catarina, publicou suas experiências, seus sonhos, seus planos. Um roteiro que talvez não tenha atrativos para Hollywood. Afinal estamos entrando no terreno reservado a vida real. Mas o que faltou de sorte na trajetória desta mulher, sobrou em coragem. Coragem para viver a vida intensamente. Sally estava disposta a pagar o preço. E pagou. Hoje, aos 36 anos de idade inquieta e moleque como na infância passada na Grande Porto Alegre, sonha em plantar uma árvore. Mais que isso, ela quer semear a esperança entre outras e outros como ela.

3X4 - Qual é a história de Sally Gogu de Mello?

Sally - A minha história... bom, a minha história 'tá' no livro. (pausa) As vezes eu fico pensando... Será que esse livro 'tá' certo, será que 'tá' errado. É difícil a pessoa colocar a vida dela num livro. Que nem aquela estória que eu conto que eu tinha desejo de transar com dois homens ao mesmo tempo (no livro, ela diz que foi a única vontade não realizada durante a carreira de prostituta). Eu coloquei o meu desejo. Tem muita gente que têm os desejos e não coloca. Vão morrer desejando aquilo e não vão fazer nunca. Eu vou morrer sem fazer também... (risos).

3X4 - A prostituição pode ser uma opção? No teu caso, foi uma imposição ou uma escolha?

Sally - De primeiro não foi. Eu cheguei lá, a minha mãe 'tava' se prostituindo. A minha irmã tinha tudo de prostituta. E eu fui no embalo. As pessoas te atiram lá pra dentro. Existe interesse dos donos das casas em ter mulher. Existe interesse da amiga em não ir sozinha. Quer companhia, então acaba levando outra. A outra acaba se acostumando. E aí, é um ciclo vicioso. Muita gente vai se prostituir pra ter dinheiro pras drogas. Muitas depois viram drogadas. Tem o fato do comodismo também. Tu tem casa, comida, não precisa se preocupar com nada. De noite, bota uma roupinha, vai fazer salão, arruma um cara, ganha grana. Se não arrumar, come igual. Se arrumar melhor.

3X4 - Pode-se dizer que a situação é cômoda?

Sally - É. Mas eu não gostava de ser prostituta. Dos dezessete, quando eu ganhei o meu filho, eu batalhei mais um pouco e saí fora. Fiquei até os vinte nos crimes. Já fui presa por agressão, por roubo, por tráfico. Por tráfico assim, acho que umas 15 vezes. Fui parar no Presídio Feminino em Curitiba. Fiquei dois meses e meio e acabei saindo. Fui ficar com uma amiga em Caxias do Sul. Era meu aniversário. Eu sem dinheiro. Essa amiga tinha um coroa que ajudava ela. Ela com-

prou meia torta (risos) e as velinhas. Eu ia fazer vinte anos. Depois me arrumaram uma roupa - ela tinha umas roupas bonitas - e me levaram na boate. O Boca D'Oro, em Caxias do Sul. Eu com vinte anos, bonitona, o dono já gostou de mim.

Já fica aí, de noite vem trabalhar. E u fazia o diabo lá dentro. Eu não queria fazer



"Eu sempre tive medo de doença, mas não ligava pra isso"

programa. Eu queria era roubar (risos). Bebia um monte, tomava um monte de bola. Cocaína, tudo que é droga que pinta eu tomava... Chá de cogumelo...

3X4 - Dai é que vem o teu apelido...

Sally - É. Meu nome artístico: Sally Gogu de Mello. Naquela época ser drogado era o máximo. Veio os hippies, era o início de uma geração. Agora é uma geração de auto-destruição. A AIDS... Naquela época era tri ser muito louco. Era sensação. Hoje a droga é uma droga. Só transmite AIDS entre os viciados que se injetam.

3X4 - Já havia, entre as prostitutas, algum tipo de preocupação com a AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis? Tu te prevenias?

Sally - Não. Eu sempre tive medo de doença, mas não ligava pra isso. Mas eu passava em médico, ginecologista, prevenção do câncer. Já peguei sífilis. Me mandou tomar 8 injeções. Tomei 23 (risos). Também quando eu descobri já tava com pontada de pneumonia. Eu tava vivendo em Montevideo. Vim embora, pra Santa Vitória (do Palmar).

3X4 - Continuaste te prostituindo por quanto tempo, depois de saber que tinhas o vírus?

Sally - Oito meses. Na minha cabeça todos os homens que eu transei, eu passei. Tão tudo contaminado. Agora, faz pouco tempo que eu descobri que não. Que de mulher pra homem é difícil. Foi um problema de consciência que eu tive muito grande. Me sentia assassina.

3X4 - Por que tu não usavas a camisinha?

Sally - Eles diziam: por quê? Tu 'tá' podre? O quê que tu vai responder? Na boate, não confiava em ninguém. Contei pra uma bicha. Toda vez que eu fazia um programa ela dizia: passou o teu vírus? Daí, eu tinha as roupas de noite, de show, prateado, dourado. Vendia tudo pra comprar o meu caixão. E a bicha dizia: Isso mesmo, Sally, compra o caixão pra ninguém falar de ti. Essa aí deu a vida toda, agora morreu e a gente tem que enterrar. Pô, quando a pessoa tá na pior, qualquer coisa que te falarem tá bom.

que tem é a morte. Eu já me acostumei com a morte. Depois que eu tô em Lages, vai fazer dois anos em julho, já morreu dez. Não, doze, acho que treze, com uma amiga minha. Todos de AIDS. Eu acho assim, eu eles não vão levar tão cedo. Então eu fico fazendo promessa. Até os 38. Aí, quem sabe até os 40. Até os 41. E eu vou conversando com deus e pedindo mais tempo.

3X4 - Fala um pouco sobre o teu trabalho na Pastoral da Mulher Marginalizada em Lages, Santa Catarina? Na verdade tu fostes até lá para ser ajudada...

Sally - Verdade, pra ser ajudada. Todo mundo que eu conhecia era da droga, era da noite. E eu já conhecia a Irmã (Irmã Olímpia, coordenadora nacional da pastoral da mulher marginalizada). Já tinha participado várias vezes da Pastoral dando depoimento sobre prostituição. Fui bem recebida, só que trabalhei de empregada, cozinheira. Eu nunca trabalhei na vida. Só lavava as minhas calcinhas (risos). O resto mandava os outros fazer. Tinha dinheiro. Aí de repente, sem dinheiro, doente magrinha... Eu tinha decidido que não ia mais viver. O Zé que falou pra mim: não morre, faz um livro com a história da tua vida. Então eu falei: vou fazer o livro. Daí eu fui pra Lages. Pra me unir com os portadores de lá. Tava começando um grupo de apoio tipo o GAPA, só que lá é GARRA. Ingressei no grupo e começamos a batalha. E remédio, lugar no hospital, discriminação. Ainda mais quem era prostituta. Eu gostaria de salvar as prostitutas. Tem três lá com AIDS. As que vivem na Zona, todas devem. Se saírem de lá, vai ser com uma mão na frente e outra atrás. Então a gente vai dizer: gurias, vocês têm direito, vocês são ser humano, vocês podem ter uma vida digna. A Irmã oferece curso. Se uma quiser sair, nossa, a Irmã dá o maior apoio.

3X4 - O teu livro tem, então, uma mensagem especial para as prostitutas?

Sally - Tem uma mensagem pra elas. Da gente fazer uma greve geral pelo uso da camisinha. Eu peguei AIDS sexualmente, me prostituindo.

3X4 - Quais são os teus planos para ajudar essas mulheres?

Sally - O que eu queria fazer era um projeto com o dinheiro do livro. Eu queria salvar as prostitutas, trazer elas para um mundo novo. Por que eu tô numa nova vida, de repente eu tive que me dar de cara com a minha realidade. Trinta e quatro anos com AIDS e não tendo nada. Eu olhei pro meu passado e pensei: que passado mais besta (risos). Só curtição. Eu não fiz nada que preste. Só curti a vida. Disso eu não me arrependo. Mas eu não fiz nada de bom. Agora eu penso: se eu soubesse que viver era tão bom assim, antes de pegar AIDS, eu teria me escapado. Então eu pretendo ajudar as pessoas que querem sair fora enquanto é tempo.

Jaqueline Shimidt

Transporte coletivo atravessa a madrugada

Segunda-feira, 1h50. Um grupo de jovens comemora com gritos de alegria a chegada do ônibus da linha Serraria ao terminal da avenida Salgado Filho. Além deles, outras quinze pessoas se preparam para entrar no veículo. Cerca de vinte passageiros estão descendo. O sambista Adoniran Barbosa, autor do clássico *Trem das Onze*, também ficaria feliz com a cena. Afinal, amigos, parentes e amantes já podem ficar mais um minuto - pelo menos para alguns bairros de Porto Alegre, existe transporte coletivo na madrugada.

Além do Serraria, há outras cinco linhas noturnas na capital (veja quadro). Elas funcionam diariamente, desde outubro do ano passado. Muitos usuários são trabalhadores noturnos, como o entregador de jornais Paulo Rodrigues, passageiro do Serraria em direção ao centro. São 3h, e ele já está pronto para o trabalho. "Eu pego este ônibus todos os dias", afirma ele sem bocejar.

E há também os frequentadores de bares. No centro, o movimento é garantido pela quantidade de boates e danceterias do eixo Annes Dias/ Salgado Filho/ Doutor Flores. Um exemplo é Raul Leivas da Silva, estudante de engenharia na Ufrgs. "Sim, estou voltando de uma festa", diz ele às 4h dentro do corujão da Zona Norte. Com a cara de sono meio escondida atrás dos cabelos compridos, ele conta que ainda vai ter que caminhar um quilômetro e meio entre a parada do ônibus e a sua casa. Ainda assim, o trajeto ajuda a aliviar mães que não dormem enquanto o filho não chega.

NORMAL - Ao contrário do que se pode imaginar, o clima dentro de um ônibus noturno não é tenso. Há pessoas conversando, dormindo e até comendo - como em qualquer horário do dia. Na verdade, as linhas noturnas não representam um grande atrativo para assaltos. Cada viagem leva em média 35 passageiros. As estatísticas da Secretaria Municipal dos Transportes (SMT) mostram que 65 por cento deles usam passe escolar ou vale-transporte. "A soma do restante é bem pouco significativa", salienta Mauri Cruz, assessor especial da SMT. Tanto que o valor arrecadado não paga a despesa do serviço. Assim, o transporte coletivo noturno - bem como as isenções de tarifa e o passe livre - é um fator a mais no cálculo do valor final da passagem de ônibus em Porto Alegre.

"O traçado das linhas foi criado levando em conta hospitais, delegacias, bares e clubes", explica Mauri Cruz. De fato, os corujões quase sempre fazem trajetos diferentes do que as linhas equivalentes

diurnas. O corujão Zona Norte, por exemplo, circunda boa parte da região. As linhas da Osvaldo Aranha e do Menino Deus, por exemplo, são circulares, ligando o Bom Fim à avenida Farrapos ou a Getúlio Vargas à Princesa Isabel. O objetivo é justamente atender o máximo de bairros.

Certamente, existem áreas que continuam sem ser atendidas pelo transporte noturno. A avenida Oscar Pereira e os bairros Partenon e Belém Velho são algumas delas. Mauri Cruz afirma que a SMT está estudando a ampliação do sistema a essas regiões até a metade de 95. Enquanto isso, os Adonirans de Porto Alegre ainda têm suas Jaçanãs para escolher.

Luis Bissigo

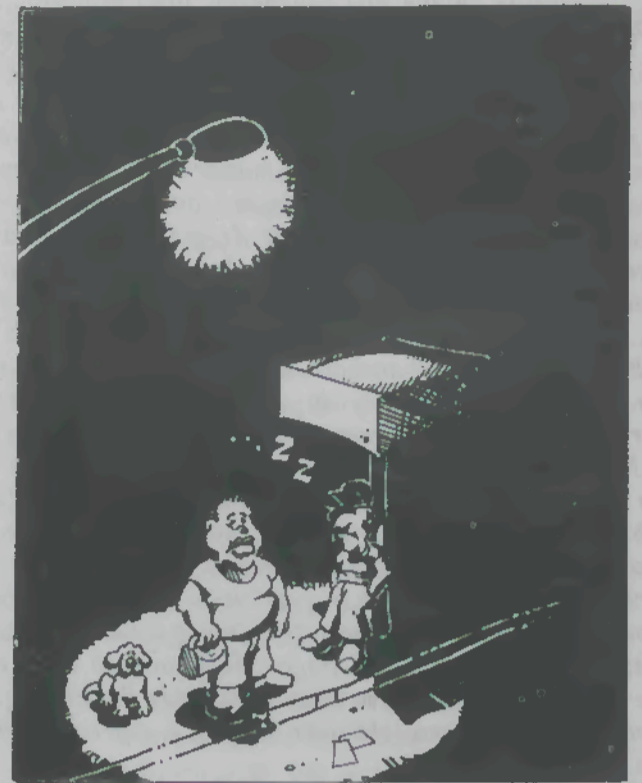


TABELA DE HORÁRIOS

Linha 631 Zona Norte		Linha 177 Menino Deus	Linha 652 Osvaldo Aranha	Linha 179 Serraria		Linha 210 Restinga		Linha 672 Petrópolis Noturno
BC	CB	CB	CB	BC	CB	BC	CB	CB
01:30	02:10	01:35	01:20	01:05	01:50	01:30	02:30	01:00
02:30	02:50	02:10	02:00	02:30	03:15	02:30	03:30	02:00
02:50	03:30	02:45	02:40	04:00	04:45	03:30	04:30	03:00
03:30	04:10	03:20	03:20					04:00
04:10	04:50	03:55	04:00					
		04:30	04:40					

Porto Alegre terá pólo de alta tecnologia

A capital gaúcha está se preparando para dar um salto à frente de outras cidades brasileiras. De olho nas perspectivas econômicas futuras, Porto Alegre quer implantar a primeira tecnópolis brasileira. Ao contrário do que o nome pode sugerir, não se trata de um conceito de cidade arquitetonicamente futurista marcada pela profusão de arranha-céus envidraçados. A tecnópolis, de acordo com o pró-reitor de planejamento da UFRGS, João Luis Becker, "é um esforço de articulação entre empresários, universidades e poder público visando alavancar o desenvolvimento econômico e social de uma região com base na geração de empregos via inovação tecnológica".

A semente do projeto de implantação da tecnópolis em Porto Alegre teve início há quase dois anos, quando o reitor da UFRGS, Hélió Trindade, visitou a França acompanhando uma missão do então governador Alceu Collares. Na oportunidade, o reitor conheceu o professor Jean Marie Martin, presidente do Pólo Universitário e Científico de Grenoble, uma cidade de 150 mil habitantes, na qual a tecnópolis envolve quatro universidades, treze institutos de

pesquisa, mais de 200 empresas e instituições públicas trabalhando integradas. Hélió Trindade acreditou que em Porto Alegre poderia surgir algo semelhante e convidou Martin para vir ao Estado.

O professor francês veio falar das tecnópolis francesas e avaliar o ambiente para ver se ele era propício para a implantação de uma tecnópolis. A resposta foi positiva e, a partir daí, durante o ano de 1994, a universidade e a Prefeitura trabalharam num esboço do projeto que fez com que, em novembro, Porto Alegre fosse incluída no Programa Franco-Brasileiro de Cooperação em Tecnópolis. Esse programa garante assistência técnica, financiando a vinda de especialistas franceses para auxiliarem na montagem do projeto.

COMISSÃO - Após uma viagem de oito dias, em que se visitou as tecnópolis francesas no mês de janeiro, a UFRGS, Prefeitura, FIERGS e Sebrae decidiram montar uma comissão executiva para assentar os alicerces conceituais da futura tecnópolis. O pró-reitor de planejamento da UFRGS, João Luis Becker, que coordena os trabalhos, prepara o "termo de referência", um documento em que os quatro parceiros assumirão

compromisso conjunto com a implantação da tecnópolis da capital gaúcha.

Para acelerar o processo, está em andamento na UFRGS o projeto "o escritório do pesquisador", um esforço integrado para que o pesquisador e a comunidade externa atendam as suas demandas de tecnologia. O escritório deverá funcionar em uma estrutura do Campus do Vale. Ali, também haverá um local destinado ao Sebrae onde este órgão colocará seus produtos à disposição para que pesquisadores interessados em instalar uma pequena empresa possam ter subsídios para montar seu próprio negócio, sem ter que esperar pelo interesse de grandes empresas. Além disso, uma representação do UNIEMP - Universidade-Empresa, composto por grandes corporações e universidades de todo o país, deverá estar no local. Dessa forma, haverá um grande intercâmbio de informações em relação a pesquisas realizadas em todas as universidades do país e empresas interessadas nessas tecnologias.

DESCENTRALIZAÇÃO - As tecnópolis não têm referências físicas que possam identificá-las, pois em cada lugar elas adquirem características pró-

prias de acordo com a realidade local. Para Dagoberto Lima Godoy, presidente da FIERGS, "é importante frisar que não só as metrópoles podem constituir tecnópolis, mas também micro-regiões. No caso do Rio Grande do Sul, pólos como Pelotas-Rio Grande, Santa Maria e a Serra Gaúcha apresentaram boas condições". Tendo como princípio a inexistência de fronteiras para a tecnologia, Porto Alegre irá ter uma região tecnológica em conjunto com a área metropolitana e o Vale dos Sinos. Todo esse mecanismo aponta para a tendência mundial de descentralização do poder, na qual começarão a existir regiões autônomas voltadas para competir em uma economia globalizada. De acordo com o prefeito Tarso Genro, "a experiência observada na França comprova que a orientação política das cidades tem uma importância infinitamente maior do que há alguns anos. A integração econômica mundial mostra que cresce a necessidade de relação econômica direta entre as cidades na proporção exata da redução de fronteiras econômicas entre os países".

Greetchen F. Ihitz